

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIDADE DE ENSINO SUPERIOR DOM BOSCO
CURSO DE PSICOLOGIA

ISABELLE BERNARDO FAHD

MORTE E LUTO: uma análise psicológica através do contexto da série WandaVision

São Luís

2023

ISABELLE BERNARDO FAHD

MORTE E LUTO: uma análise psicológica através do contexto da série WandaVision

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^a. Ma. Maria Emília Miranda Alvares.

São Luís

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Centro Universitário – UNDB / Biblioteca

Fahd, Isabelle Bernardo

Morte e luto: uma análise psicológica através do contexto da série WandaVision. / Isabelle Bernardo Fahd. __ São Luís, 2023.

66 f.

Orientadora: Profa. Ma. Maria Emília Miranda Alvares.
Monografia (Graduação em Psicologia) - Curso de Psicologia – Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco – UNDB, 2022.

1. Morte. 2. Luto. 3. Impactos emocionais. 4. Visão psicológica. 5. Série WandaVision. I. Título.

CDU 159.942.3

ISABELLE BERNARDO FAHD

MORTE E LUTO: uma análise psicológica através do contexto da série WandaVision

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia do Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Ma. Maria Emília Miranda Alvares (Orientadora)

Mestra em Psicologia

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof. Dr. Carlos Antônio Cardoso Filho

Doutor em Psicologia Social

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Prof^a. Ma. Lidiane Verônica Collares da Silva

Mestra em Psicologia

Centro Universitário Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB)

Dedico esse trabalho à minha família. Vocês são a minha base e grande inspiração na minha jornada.

AGRADECIMENTOS

Quero começar agradecendo a Deus, que me guiou em várias caminhadas ao longo da minha trajetória. Seja nos momentos mais tranquilos ou nos mais tensos, sempre esteve ao meu lado, me permitindo ultrapassar todos os obstáculos encontrados e me encontrar forças para não desistir dos meus sonhos.

Gostaria de agradecer à minha família, por todo o apoio que recebi. À minha mãe, Wilma Fahd, que me dá amor e carinho por todos os lados e também me apoiando em diversos momentos da vida, sendo meu porto seguro. Seus incentivos e seus conselhos me ajudaram a tornar quem eu sou hoje.

Ao meu pai, Raimundo Fahd (*in memoriam*), que, mesmo não estando mais aqui, foi um grande incentivador ao longo da vida e, com ele, aprendi muitas coisas. Foi através do meu pai e da minha mãe que eu comecei a minha trajetória na psicologia e eu sei que ele deve estar muito feliz e orgulhoso.

Aos meus irmãos, Bruno Fahd e Larissa Fahd, que me apoiaram e me incentivaram nos momentos difíceis, compreendo as situações que eu passava e recebendo todo o suporte e amor nos momentos diferentes, seja nas de tristeza ou nas de alegria. Eu amo vocês ao infinito e além.

Gostaria de agradecer a Kira (ou Kiki, como preferir), minha cachorrinha, me enchendo de alegria e me fazendo companhia durante as férias em Santa Inês. Ela veio trazer alegria à família em um momento que foi oportuno, que era a pandemia de Covid-19, e foi um presente para todos, sempre brincando com ela nas horas vagas.

À minha orientadora, a professora Maria Emília, obrigada por ter sido minha orientadora de TCC ao longo da minha trajetória acadêmica, por todos os seus ensinamentos e pelas correções, nas quais me permitiram a melhorar meu desempenho do processo de desenvolvimento do TCC e na minha formação profissional. Eu sou grata por ter uma profissional competente e quero deixar toda a minha admiração pela senhora.

Aos professores que compõem a banca examinadora, professor Carlos e professora Lidiane, muito obrigada por aceitarem em fazer parte da minha banca e também pela paciência e pela ajuda ao longo do curso. Vocês são excelentes profissionais e sabiam do meu potencial em ser uma pessoa dedicada e

desempenhada, tirando todas as dúvidas possíveis e aprender vários ensinamentos nas matérias que cursei. Deixo minha admiração e amizade por vocês.

Aos meus colegas e amigos que fiz ao longo do curso, obrigada por me acolherem e compartilhar todas as vivências comigo. Nos divertimos bastante, troquei experiências que me permitiram crescer tanto como pessoa quanto formanda. Infelizmente não dá para mencionar todos os nomes das pessoas com quem eu convivi no curso, porque foram várias turmas que frequentei, mas quero deixar claro que todos vocês são especiais para mim e me apoiaram em vários momentos. Agradeço pelo companheirismo durante o percurso e quero levar para toda a vida.

Quero agradecer também à UNDB, que me proporcionou, com sua metodologia ativa de cases e papers, vários conhecimentos e aprendizagens que foram fundamentais nos meus estudos e pesquisas durante minha graduação, e também à coordenação de Psicologia, com suas lições que me ajudaram a aprofundar ainda mais os meus conhecimentos da psicologia.

Queria agradecer também à minha psicóloga, Amanda, por me permitir me conhecer melhor nos processos terapêuticos. Foi através do processo de terapia que consegui entender, com mais clareza, meus sentimentos e meus anseios sobre mim mesma. Você é uma excelente psicóloga e vou continuar me conhecendo ainda mais.

Enfim, quero agradecer a todas as pessoas que contribuíram e incentivaram na minha jornada acadêmica, seja de forma direta ou indireta, nessa realização desse trabalho. Esse desenvolvimento foi muito importante para mim e que, certamente, será de grande impacto na minha formação como futura psicóloga.

“O que é o luto, se não o amor que perdura?”
(Visão, **em WandaVision**, 2021)

RESUMO

O presente trabalho visou abordar o tema de morte e luto utilizando como base a série de televisão WandaVision (2021), que aborda o luto através da personagem Wanda Maximoff (a Feiticeira Escarlate), trazendo um olhar psicológico sobre as questões do luto e as representações da morte mostradas na série. Para isso, partiu da seguinte problemática: de quais formas a morte e o luto são representados em WandaVision? Como hipótese teve-se que o luto é um fenômeno universal e que guarda as suas especificidades, mas que ainda é considerado como um tabu para a sociedade, pois poucos falam sobre a morte e o luto no contexto social. Logo, o objetivo geral deste trabalho foi discutir as representações de morte e luto em WandaVision. Os objetivos específicos apresentados foram: apresentar o histórico da morte, evidenciar as contribuições da psicologia no luto e apresentar os cinco estágios de luto baseado na série. A fundamentação teórica se baseou na pesquisa bibliográfica, com a utilização de livros, artigos e teses sobre o tema relacionado, mais precisamente no livro de Elisabeth Kübler-Ross. O método utilizado neste trabalho foi o hipotético-dedutivo e partiu da análise fílmica para analisar as cenas e correlacioná-las com as teorias do luto. Por fim, percebeu-se no arco da personagem Wanda Maximoff uma passagem através dos cinco estágios de luto e também sua vivência do luto complicado, devido as perdas que ela presenciou ao longo de sua jornada, desencadeando um processo de luto não ressignificado e trabalhado, pois Wanda não foi capaz de elaborar as perdas (físicas e simbólicas) de uma maneira mais significativa, apresentando comportamentos danosos tanto para ela quanto para as pessoas ao seu redor, entrando em estado de sofrimento.

Palavras-chave: Morte. Luto. Análise psicológica. Impactos emocionais. Série WandaVision.

ABSTRACT

The present work aimed to address the theme of death and mourning using the television series *WandaVision* (2021) as a basis, which addresses mourning through the character Wanda Maximoff (the Scarlet Witch), bringing a psychological look at the issues of mourning and the representations of death shown in the series. For this, it started from the following problem: in what ways are death and mourning represented in *WandaVision*? As a hypothesis, it was assumed that mourning is a universal phenomenon and that it keeps its specificities, but that it is still considered a taboo for society, since few people talk about death and mourning in the social context. Therefore, the general objective of this work was to discuss the representations of death and mourning in *WandaVision*. The specific objectives presented were: to present the history of death, to highlight the contributions of psychology in grief and to present the five stages of grief based on the series. The theoretical foundation was based on bibliographical research, using books, articles and theses on the related topic, more precisely on the book by Elisabeth Kübler-Ross. The method used in this work was hypothetical-deductive and started from film analysis to analyze the scenes and correlate them with the theories of mourning. Finally, in the arc of the character Wanda Maximoff, a passage through the five stages of grief and also her experience of complicated grief was perceived, due to the losses she witnessed throughout her journey, triggering a process of grief that was not resignified and worked on, because Wanda was not able to elaborate the losses (physical and symbolic) in a more meaningful way, presenting harmful behaviors both for herself and for the people around her, entering a state of suffering.

Keywords: Death. Mourning. Psychological analysis. Emotional impacts. *WandaVision* TV series.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cena do episódio 1: “Gravado ao Vivo com Plateia”	42
Figura 2 – Cena do episódio 2: “Não Mude de Canal”	42
Figura 3 – Cena do episódio 2: “Não Mude de Canal”	43
Figura 4 – Cena do episódio 3: “Agora em Cores”	43
Figura 5 – Cena do episódio 4: “Interrompemos este Programa”	45
Figura 6 – Cena do episódio 7: “Derrubando a Quarta Parede”	46
Figura 7 – Cena do episódio 5: “Em um Episódio Muito Especial...”	47
Figura 8 – Cena do episódio 7: “Derrubando a Quarta Parede”	49
Figura 9 – Cena do episódio 7: “Derrubando a Quarta Parede”	49
Figura 10 – Cena do episódio 8: “Nos Capítulos Anteriores”	50
Figura 11 – Cena do episódio 9: “O Grande Final”	51
Figura 12 – Cena do episódio 9: “O Grande Final”	52
Figura 13 – Cena do episódio 8: “Nos Capítulos Anteriores”	53
Figura 14 – Cena do episódio 8: “Nos Capítulos Anteriores”	55
Figura 15 – Cena do filme Doutor Estranho no Multiverso da Loucura.....	57

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O HISTÓRICO DA MORTE	15
2.1 A morte ao longo do tempo: da Antiguidade até os dias atuais	15
2.2 A morte e as religiões	19
2.2.1 Cristianismo.....	19
2.2.1.1 <i>Catolicismo</i>	19
2.2.1.2 <i>Comunidade evangélica</i>	20
2.2.2 Budismo	21
2.2.3 Espiritismo	22
2.2.4 Candomblé	22
2.2.5 Islamismo	24
2.2.6 Judaísmo.....	25
2.3 A morte em diferentes culturas e países	26
3 AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NO MANEJO DO LUTO	28
3.1 Teoria do apego	28
3.2 Tanatologia	30
3.3 O papel do psicólogo no manejo do luto	32
3.3.1 Luto parental	32
3.3.2 Luto infantojuvenil	34
3.3.3 Luto fetal.....	35
3.3.4 Luto em situações de morte inesperada.....	36
3.3.5 Luto antecipatório.....	38
3.3.6 Luto normal <i>versus</i> luto complicado	39
4 O LUTO COMPLICADO DE WANDA MAXIMOFF	41
4.1 As representações do luto em WandaVision	41
4.1.1 Negação	42
4.1.2 Raiva	45
4.1.3 Barganha.....	47
4.1.4 Depressão	49
4.1.5 Aceitação.....	51
4.2 A influência da teoria do apego no luto complicado	53
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59

REFERÊNCIAS.....	62
------------------	----

1 INTRODUÇÃO

A morte e o luto são temas recorrentes na psicologia, mais precisamente quando o psicólogo elabora as possíveis intervenções em torno do manejo do luto na pessoa e as suas implicações. O presente trabalho terá como base a série de televisão WandaVision (2021), que aborda as fases do luto através da personagem Wanda Maximoff (a Feiticeira Escarlata), trazendo um olhar psicológico sobre o luto e a representação da morte na série, que é o tema deste trabalho em questão.

Diante disso cogita-se a seguinte problemática: de que formas a morte e o luto são representados em WandaVision? Como hipótese tem-se que o luto é um fenômeno universal e que guarda as suas especificidades. Ela acontece quando um indivíduo passa por uma perda trágica em contextos diversos, podendo se abranger com o passar do tempo, e de que o luto está relacionado à perda concreta (a morte de um ente querido ou a amputação de um membro do corpo humano) ou algo simbólico (término de um relacionamento amoroso, a demissão de um emprego, dentre outros fatores).

Mesmo assim, a morte e o luto são assuntos considerados um tabu dentro do contexto social, ou seja, são poucos falados sobre isso e que precisa ser expandido para a sociedade, já que a maioria considera o luto como uma fase difícil da vida. Ainda assim, é necessário falar sobre o luto, porque cada pessoa lida de uma maneira diferente, de acordo com a sua personalidade e de como a pessoa deve vivenciar o luto de uma maneira mais saudável, sem que possa enfrentar problemas emocionais ou desenvolver o luto patológico, que é quando a pessoa não consegue manejar o luto de uma maneira mais apropriada, gerando um quadro grave de depressão. Logo, o objetivo geral deste trabalho é discutir as representações de morte e luto em WandaVision.

A justificativa se dá em torno da relevância do tema em produções audiovisuais (filmes, séries, minisséries etc.) e elas estão sendo vistas com um olhar psicológico, ou seja, na perspectiva da psicologia, muitas vezes sendo usadas como objetos de estudo para fazer análises teóricas mais aprofundadas do tema abordado nesse projeto audiovisual e trazer essas mesmas questões para o contexto social atual. A utilização da série WandaVision neste trabalho é abordar o luto não

complicado e o luto não resolvido, além de abordar os cinco estágios de luto propostos por Elisabeth Kübler-Ross (1996): negação, raiva, barganha, depressão e aceitação.

O objetivo de usar a série como objeto de estudo neste trabalho é analisar os estágios de luto mais aprofundados, observar os impactos emocionais da personagem e dos acontecimentos ali mostrados, utilizando as cenas da série para representar esses estágios de luto e obter uma análise mais detalhada e compreensível acerca da visão psicológica, isto é, um olhar crítico acerca da morte e do luto.

Esse trabalho acadêmico visa trazer, através do método hipotético-dedutivo, os impactos da série na sociedade e as implicações psicológicas que afetam a personagem, bem como a observação de fenômenos fictícios e os seus significados, características e um pouco mais. Portanto, ao trazer essas questões, levam em tona a abordagem da morte e do luto para uma maneira mais compreensível e mais didática a modo de fazer reflexões e discussões diante dos fenômenos psicológicos mostrados na série.

A metodologia utilizada nesse trabalho será a da metodologia qualitativa, que deve interpretar os fenômenos fictícios observados a fim de entender os significados ali expostos na série. O caráter dessa pesquisa será a de pesquisa descritiva, cujo objetivo é aprofundar o tema descrevendo as características, e a de pesquisa exploratória, onde o tema exposto deve levantar as possíveis hipóteses e as ideias relacionadas.

A análise fílmica será utilizada para analisar os trechos dos episódios da série (contando com um total de 9 episódios), mais precisamente no terceiro capítulo deste trabalho. A análise fílmica é uma técnica empregada para descrever e interpretar elementos de um filme (PENAFRIA, 2009). Porém, não serão todos os episódios que serão analisados. Somente alguns episódios deverão ser utilizados como peças-chave para analisar as representações do luto e encontrar as respostas possíveis a essas hipóteses. Ela é dividida em duas etapas diferentes: a primeira etapa consiste em decomposição das cenas em planos e a segunda etapa consiste em analisar as relações entre os elementos decompostos.

No primeiro capítulo, vamos abordar o histórico da morte, de como ela influencia em diferentes culturas, países, religiões e como elas reagem diante desse acontecimento, uns vê a morte como o fim da existência, já outros vê a morte apenas como uma etapa. Será apresentado no capítulo uma linha do tempo na qual

abordaremos a morte a partir dessas linhas temporais (desde a Antiguidade até os dias atuais) e também abordaremos as religiões e as culturas de outros países, como, por exemplo, a morte de acordo com a cultura mexicana, a morte no cristianismo, no budismo e outras coisas.

No segundo capítulo, vamos falar das contribuições da psicologia nas questões do manejo do luto. A atuação do psicólogo nessas situações se torna importante para que o indivíduo consiga entender o que está passando quando acaba de passar por uma perda traumática, e nesse processo, esse indivíduo expressa suas emoções ao psicólogo, a fim de elaborar as possíveis orientações para conseguir viver o luto de maneira mais respeitosa. Estudos e teorias também serão apresentados no decorrer do capítulo.

No terceiro capítulo, vamos abordar o luto complicado de Wanda Maximoff, que será dividido em tópicos para apresentar os cinco estágios de luto, com base nas cenas dos episódios da série, nesse caso, a análise fílmica das cenas em questão. Nesse capítulo, além de relacionar os elementos das cenas e os cinco estágios, vamos relatar uma breve sinopse da série e também abordar o apego inseguro que a personagem desenvolve no decorrer da série e de como ela interfere tanto na personagem quanto nas pessoas ao redor dela.

2 O HISTÓRICO DA MORTE

Neste capítulo, vamos abordar a morte no contexto histórico, de como a morte é retratada em diferentes culturas, religiões e lugares e a reação deles diante da morte. Será dividido em tópicos, formando uma linha do tempo contextualizando e aprofundando questões sobre a interpretação da morte ao longo da história da humanidade.

2.1 A morte ao longo do tempo: da Antiguidade até os dias atuais

Para começarmos, a morte é um processo biológico, que significa a cessação completa da vida (no sentido literal), mas a palavra morte, no sentido figurado, também pode significar a angústia e o sofrimento excessivo. No geral, a palavra morte tem origem no latim, das formas *mortis* e *mors* ou associada ao verbo *mori*, que significa morrer. Papalia e Martorell (2022) consideram que a morte foi um evento frequente e esperado, às vezes bem-vindo como o fim do sofrimento. Ela atravessa de tempos em tempos, em todas as sociedades com diferentes interpretações em torno da perda.

Na Antiguidade, que compreende no período entre 4000 a.C. (a invenção da escrita) até 476 d.C. (a queda do Império Romano), a morte é abordada pelo mistério, pela incerteza e pelo medo daquilo que se não conhece (CAPUTO, 2008). Tanto na Antiguidade Oriental (que compõe as civilizações egípcia, mesopotâmica, fenícia e hebraica) quanto na Antiguidade Ocidental (civilizações grega e romana) possuem representações diferentes da morte, mas de uma maneira mais específica.

Começando pela Antiguidade Oriental, que é constituído pelas civilizações egípcia, mesopotâmica, fenícia e hebraica. Segundo Caputo (2008), os povos mesopotâmicos apresentavam um ritual na qual eles sepultavam os mortos com tamanho zelo que junto com o corpo colocavam vários pertences que marcavam a identidade pessoal e familiar desse indivíduo. Então, os mesopotâmicos entendiam a morte como uma passagem do mundo dos vivos para o mundo dos mortos.

A morte, para a civilização egípcia, tinha a ver com a questão do conceito de alma e os aspectos culturais que ali o cercavam (a alma se desprendia do corpo). Os egípcios mumificavam o corpo da pessoa como forma de garantir a preservação

do cadáver por anos. Depois da mumificação, eles eram colocados em um sarcófago para posteriormente serem depositados no túmulo.

O corpo deveria ser mumificado para que a vida póstuma fosse garantida. O processo de mumificação fazia com que os corpos mortos não se putrefizessem e se desintegrassem. Esta manutenção do corpo era fundamental, pois acreditava-se que as demais partes do indivíduo apenas continuariam a existir caso o corpo fosse preservado. (RIBEIRO, 2014, p. 5)

Ainda assim, os egípcios tinham uma crença na qual eles entregavam ao falecido, antes do início do julgamento, o “Livro dos Mortos”. Esse livro possuía orientações do comportamento para receber a aprovação das divindades. Para isso, ele não pode ter cometido uma série de infrações (roubar, matar, mentir, cometer adultérios e outros fatores). O coração do falecido é levado por Osíris para pesar na balança. Se o coração do falecido for leve como uma pena de pássaro, receberia essa aprovação. Caso contrário, se não recebesse aprovação, o falecido não entraria do *Duat*, uma espécie de submundo dos mortos. A civilização egípcia teve grande importância por conta desses rituais aos seus mortos como um traço cultural.

A morte para a civilização fenícia tem o politeísmo como religião predominante. Para eles, a morte significaria o sacrifício de animais e homens, não só como o fim de uma etapa ou só deixa de existir por completo. O sacrifício tende a ser cruel para o povo fenício e os sacrifícios podem carregar consequências maiores ao longo do tempo.

Na Antiguidade Ocidental estavam as civilizações grega e romana. Um exemplo de conceito de morte está na civilização grega. Na Grécia Antiga, os gregos entendiam a morte como uma simples mudança de vida, não entendiam a morte como um estado de dissolução do ser. Além disso, os gregos não acreditavam em uma morada celestial para os mortos, com essa morada sendo reservada para apenas alguns homens, por conta dos seus atos heroicos e seus grandes destaques em vida.

Os ritos funerários, de acordo com Caputo (2008, p. 74), eram divididos em dois tipos: um tipo reservado para os mortos comuns (anônimos) e o segundo tipo, reservado para aqueles que são considerados heróis. O primeiro tipo consistia em ser enterrados e cremados coletivamente em valas, já que eles eram considerados como simples mortais. O segundo tipo, era feito uma cerimônia, onde o falecido (aquele que era considerado como um herói) é levado a uma pira crematória, uma vez que, na representação grega, esse falecido já era considerado como um imortal.

[...] o homem grego de então entendia que se o corpo do morto não possuísse sepultura, logo, não possuiria morada. E não tendo morada, a alma do morto estaria condenada a ficar errante sob a forma de um fantasma a atormentar os vivos. Esta possibilidade de não ter uma sepultura e não receber os devidos rituais fúnebres, angustiava o espírito do homem grego. (SOUZA, DA SILVA, 2021, p. 316)

Na Idade Média, que ocorreu entre o século V ao século XV e dividida entre primeira Idade Média ou alta Idade Média (do século V ao século XII) e segunda Idade Média ou baixa Idade Média (do século XII ao século XV), havia uma crença muito difundida que era enterrar o cadáver ao lado ou próximo de túmulos dos santos e suas relíquias, ou seja, os corpos eram abandonados, sem identificação ou algo relacionado. De acordo com Maranhão (1992), esse ato de enterrar próximo a relíquias, sacramentos, pedras e claustros do mosteiro (o túmulo *ad sanctos*) garantiria ao defunto uma intercessão especial dos santos e o direito assegurado de salvação. Ainda assim, durante o período medieval, houve mudanças significativas em relação a morte e ao morrer.

Essas mudanças acerca da morte ficaram evidentes. Na primeira Idade Média (a alta Idade Média), a morte era vista como algo familiar e domesticado e a Igreja não intermediava o acesso a alma no momento. Então, de acordo com Caputo (2008, p. 75), “havia certa intimidade entre o morrer e o cotidiano da sociedade, a tal ponto que este ato era encarado como algo natural da vida.” Essa intimidade da família que tinham com o ente querido era importante porque eles queriam honrar o legado dessa pessoa, eles choram por essa pessoa, havendo uma perda de controle emocional.

Era comum o moribundo, pressentindo a chegada de sua morte, realizar o ritual final, despedir-se e quando necessário reconciliar-se com a família e com os amigos, expunha suas últimas vontades e morria, na esperança do juízo final quando alcançaria o paraíso celeste. É por isso que nesta época a morte súbita, repentina era considerada vergonhosa e às vezes considerada castigo de Deus, pois a morte casual inviabilizava o processo do morrer descrito acima. (CAPUTO, 2008, p. 75-76)

Foi a partir da segunda Idade Média (a baixa Idade Média) que ocorreu uma mudança sobre o conceito de morte. Se antes a certeza beirava a Idade Média, agora é a incerteza que acaba reinando. Ainda segundo as palavras do autor, “Essas mudanças causaram alterações nas perspectivas das pessoas em relação à morte, a

qual deixava de ser algo natural e passava a ser uma provação.” (CAPUTO, 2008, p. 76).

Há diferenças em questão ao processo do funeral. Na primeira Idade Média, o corpo era enterrado sem caixão (os sudários), pois naquela época não tinha uma necessidade de um túmulo próprio, que seria considerada propriedade perpétua. Já na segunda Idade Média, o corpo do defunto era colocado em uma espécie de caixa de madeira, deixando de ser visível aos familiares presentes e a perspectiva da morte, na Idade Média, passa a ser “clericalizada”¹.

Na Idade Moderna, as atitudes em torno da morte trouxeram visões diferentes. O homem passou a ver a morte como uma ruptura, onde ele é arrancado de sua vida cotidiana e lançado em um mundo irracional, violento e cruel (CAPUTO, 2008). Sendo assim, há uma separação abrupta entre a vida e a morte e uma laicização da mesma. As igrejas deixam de ser locais dos enterros e passam a ser nos cemitérios, constituindo uma dicotomia entre os vivos e os mortos. Os cemitérios, que tendem a ser um pouco mais organizados, passaram a demarcar o lugar exato onde o corpo era sepultado. Contudo, entre a Idade Média e a Idade Moderna, há ressignificados e atitudes na representação da morte, porém, nunca deixaram de ter familiaridade com a morte e com os mortos.

Chegando na Idade Contemporânea, que prevalece até os dias atuais, a morte deixa de ter um contexto familiar, passando a ter um contexto de objeto interdito. Atualmente, já não morre só em casa, no meio dos familiares presentes, como pode ocorrer em hospitais, por exemplo. Outra questão é em torno do velório. O velório ocorria na residência da família (ainda ocorre, mas em casos raros), onde o corpo ficava exposto às pessoas presentes, hoje o velório ocorre na igreja ou no próprio cemitério, mais por questões de higiene e também das condições psicológicas ao vivenciar tal situação.

Eis aí a que a sociedade ocidental contemporânea reduziu a morte e tudo a que ela está associado: um nada. Não satisfeita em privar o indivíduo de sua agonia, de seu luto e da nítida consciência da morte, de impor à morte a um tabu, de marginalizar socialmente o moribundo, de esvaziar todo o conteúdo semântico dos ritos tanáticos, a sociedade mercantil vai além, ao transformar a morte num resíduo irreconhecível. Ele já não é mais um destino. O que existe é a sua relação negativa com o sistema de produção, de troca e de consumo de mercadorias. É o estado de não-produção, de não-consumação. Ao negar a experiência da morte e do morrer, a sociedade realiza a coisificação do homem. (MARANHÃO, 1986, p. 19)

¹Clericalizada: do verbo “clericalizar”, significa deixar ou ficar sob influência do clero.

Então, a morte ainda é considerada um tabu para a sociedade, onde muitas pessoas evitam falar sobre, com receio de algum trauma aparecer ou simplesmente evitar alguma gravidade psicológica em um indivíduo. Nas crianças, elas entendem a morte de uma pessoa como uma “viagem” ou “descanso”, mascarando o real motivo, para não provocar tristeza ou angústia dessa criança. A morte acaba por provocar uma sensação de negação e que não é encarado com naturalidade, fazendo com o que o indivíduo não lide de maneira adequada a morte, causando uma sensação de fuga.

2.2 A morte e as religiões

No sentido da religião, a morte é retratada em diferentes doutrinas e matrizes. Cada religião apresenta uma visão diferente da morte e os sentimentos variam de uma religião para outra, podendo ser vista como o fim da vida ou uma passagem. Aqui, vamos abordar a morte nas várias religiões que existem por todo o lugar do mundo, desde o catolicismo até o budismo.

2.2.1 Cristianismo

O cristianismo é dividido em várias comunidades eclesiais e doutrinas diferentes, e possuem a Bíblia como fundamentos em comum, mas aqui, vamos abordar o contexto da morte em duas comunidades do cristianismo: o catolicismo e a comunidade evangélica, podendo ser batistas, adventistas, protestantes, pentecostais e etc.

2.2.1.1 Catolicismo

No catolicismo, a morte é uma passagem para a eternidade, ou seja, a vida da pessoa é transformada e não é tirada, dando a entender que o homem, após a morte, não é mais submetido ao tempo e espaço. No catolicismo, eles não acreditam em reencarnação, já que eles veem a alma e corpo como uma coisa só e eles creem na ressurreição. Na tradição cristã católica, há três destinos possíveis: o céu, o

purgatório e o inferno e os mesmos não são considerados como lugares palpáveis, mas sim como um estado sobrenatural.

A morte para os cristãos era um estágio intermediário, um sono profundo do qual acordariam no dia da ressurreição, quando as almas voltariam a habitar os corpos. É devido a essa crença que os cristãos há muito tempo enterram os corpos dos defuntos com grande escrúpulo. (CAPUTO, 2008, p. 75)

Essa divisão entre céu, purgatório e inferno indicam qual caminho seguir. Para isso, a alma precisa ser purificada e limpa para passar pelo purgatório, então essa alma passa a ser julgada pelos seus atos em vida. Se perdoado, a alma alcança o céu e a eternidade. Se condenado, passará pelo inferno, sendo castigado por todos os males que cometeu em vida.

Entretanto, nos rituais de luto, tradicionalmente, os familiares usam vestimentas da cor preta para simbolizar a dor da perda de alguém (hoje em dia, quase não se usa vestimenta preta no dia do velório). Sete dias depois do velório, é realizada a missa do sétimo dia, que é um momento em que se reza pelo morto, pela oportunidade de um parente da família distante estar junto no momento oportuno, que não conseguiu estar no dia do velório.

2.2.1.2 Comunidade evangélica

Para os evangélicos, a crença da morte é similar com o catolicismo, porém, eles não creem em purgatório. Os evangélicos consideram a morte como um fenômeno natural, que somente ocorre uma vez e de que o corpo é separado do espírito, na qual ficam adormecidas até o dia do juízo final, passa por um julgamento e tem o seu destino selado: ou vai para o céu ou para o inferno.

Segundo Da Silva (2013), os evangélicos se opõem aos ritos católicos, mas não “abandonaram parcialmente” o espaço do cemitério e negaram a continuidade de relações influentes dos vivos com os mortos. Eles consideram, também, as crenças de origem africana como algo ruim, de influência demoníaca. Eles viam a morte como um evento moral.

Para os evangélicos, há a certeza de que o futuro da alma é decidido em vida e que o enlutado nada pode fazer para mudar a condição daquele que partiu. Não existem fórmulas de negociação com o sagrado. Após a morte, o morto está salvo ou condenado irremediavelmente. (DA SILVA, 2013, p. 152)

Ainda de acordo com a autora, não há possibilidade de comunicação entre os vivos e os mortos, sabendo que os vivos não podem tentar reverter a condição de uma morte mal resolvida. Eles interpretam a estrutura do mundo e as dinâmicas que envolvem o espírito do falecido que não prevê ritos que seriam capazes de modificar um destino já estabelecido ou dar uma possibilidade de comunicação entre os vivos (DA SILVA, 2013).

Os evangélicos possuem uma relação muito complexa com os seus mortos, manifestando, em sua maioria, fora do espaço do cemitério, realizando ritos informais, como, por exemplo, a relação dos evangélicos com os objetos que possam lembrar o falecido em questão. Segundo Da Silva (2013, p. 164), “[...] os relacionamentos com objetos podem ser uma saída importante derivada do seu sistema de crenças que interrompe as relações póstumas com os espíritos dos mortos.”

A morte pode significar uma dor muito grande, mas não significa a perda e, sim, conseguir a eternidade no céu, sem sofrimentos. Os evangélicos, para honrar a memória de seus entes queridos, utilizam objetos como forma de lembrar o falecido de uma maneira especial e única, reinterpretando e atualizando os significados que essa pessoa trazia para a família.

2.2.2 Budismo

O budismo é uma religião indiana baseada nos ensinamentos de Buda. Possuem semelhanças com o hinduísmo, como as crenças, definições de *karma*, o Samsara e o Nirvana. Eles acreditam na reencarnação, nesse caso o Samsara, e creem que o espírito retorna em outro corpo após a morte (como ser humano ou animal), ou seja, eles pregam a bondade e o respeito com todos os seres e que em outra vida podem experimentar daquela forma. A morte é comparada a um descanso, uma espécie de ciclo de repouso onde dormimos, sonhamos e até então acordar.

No Budismo, não há uma autoridade central, sendo objetivo de todos budistas a iluminação e, assim como o próprio Buda buscou o seu caminho, cada pessoa pode traçar o seu. É uma filosofia de vida, o caminho da sabedoria. A vida é transitória e a morte inevitável, e é importante deixar que siga seu transcurso natural. (KOVÁCS, 2003, p. 139)

Ao contrário do catolicismo, o budismo não tem esse princípio de devoção e adoração, sendo o Buda considerado como um guia para alcançar a felicidade (passageira ou definitiva). O *karma* é visto como algo negativo, porém as boas ações também causam efeitos nas próximas reencarnações. Por isso, a reencarnação se repete até que o espírito consiga se libertar do *karma*, considerado o responsável pela lei das causas e efeitos que fazemos.

2.2.3 Espiritismo

O espiritismo é uma religião considerada mediúnica, com base nas doutrinas de Allan Kardec. Assim como os budistas, a religião espírita crê em reencarnação, pois eles acreditam que a morte não é um fim, ou seja, o corpo físico está morto, mas o espírito permanece vivo em um novo plano astral ou reencarnando em um novo corpo. A reencarnação é necessária para seguir no caminho da evolução.

No espiritismo, ainda se acredita que a consciência seja eterna e que a morte consiste em uma volta para o plano espiritual. É nesse plano espiritual em que a alma deve ficar até que esteja preparado para uma nova encarnação. Para De Castro Cavalcanti [s.n.]:

A morte torna-se uma espécie de vida, uma semi-morte ou uma semi-vida, pois o espírito desencarnado permanece ativo na sociedade dos vivos, desde que todos os lados envolvidos aceitem a passagem tênue, mas fundamental, que a “morte física” significa. (p. 20)

Assim sendo, o espiritismo, segundo De Castro Cavalcanti [s.n.], a reencarnação é regida pelo karma e inexoravelmente voltada para a evolução. As pessoas boas conseguem se evoluir mais rápido se aproximando do Criador. Eles veem Deus não como uma entidade que irá julgar as pessoas como boas ou más, e sim como Criador de espíritos sem discernimento do que é bom ou mau e que isso é aprendido durante a vida.

2.2.4 Candomblé

O candomblé é uma religião de matriz africana que cultua os orixás, com as práticas sendo realizadas no que são chamadas casa de terreiros. Tem como base

a alma da natureza e creem que a morte não é a extinção por completo ou uma aniquilação. A morte, para os candomblecistas, é uma mudança de estado, de plano ou existência, fazendo parte de um ciclo que possui início, meio e fim (BANDEIRA, 2010).

No candomblé, a cremação não é permitida, pois ao cremar o corpo o ciclo da vida não será completo. Por isso, o corpo deve ser enterrado: ao retornar à terra, permite a realização completa do ciclo de vida. O candomblé possui ritos extremamente complexos e que são correspondentes aos funerais propriamente ditos. Esses atos são divididos em três momentos diferentes.

Em um primeiro momento, acontece os ritos de dessacralização que, segundo o autor, possibilita desfazer o que tinha sido realizado na feitura de santo, que corta os elos religiosos, para depois libertá-los das suas ligações com a Aiyê (BANDEIRA, 2010). Nessa mesma etapa há o uso de objetos e um sacrifício de um pombo, na qual utiliza-se o sangue no rito.

No segundo momento tem-se o axexê propriamente dito, considerado como um momento de individualização. Ele dá continuidade ao rompimento de vínculos sagrados, sejam eles humanos ou divinos. Os pertences do falecido são utilizados em obrigações e sacrifícios para uma análise oracular. Essa análise oracular irá determinar o destino desses objetos, portanto, “os objetos determinados pelo jogo de búzios ou dilogum a ser entregues aos herdeiros revelados são lavados em água sagrada são entregues aos mesmos.” (BANDEIRA, 2010, p. 50).

O terceiro e último momento é a parte do ritual do arremante, que ocorre no último dia, antes do pôr do sol. Para Bandeira (2010, p. 50):

[...] canta-se louvando os orixás, em seguida, costuma-se realizar ebós nos participantes e, posteriormente, empreende-se a limpeza ritual dos assentamentos das divindades e do terreiro como um todo, com a eventual participação dos orixás que por acaso tenham se manifestado em seus elegun; abrindo novamente a casa, chamando novamente todas as divindades e a vida para o Terreiro.

Ainda nessa etapa, todos os participantes devem seguir e obedecer aos preceitos rígidos de comportamento dentro do terreiro, além de usar vestimentas na cor branca. O branco, nesse rito, simboliza a verdade absoluta, morte e vida. Depois de cumprir os rituais, o espírito se dirige a outra dimensão, onde deve se juntar a outros espíritos, orixás e guias.

Bandeira (2010, p. 50) aponta que a vida é para ser festejada e a morte também. O morto é homenageado com comes e bebes, além das danças e cantos nos rituais, e, portanto, não ficará sozinho, porque encontrará as divindades que o irão receber e confortar. Então, no candomblé, a morte não é o fim, é um recomeço e reintegração.

2.2.5 Islamismo

O islamismo é uma religião monoteísta articulada pelo Alcorão, cuja crença está unicamente em Allah. A palavra Islã significa, literalmente, submissão a Deus. Essa religião está presente em países árabes, dividida em entre dois principais grupos: os sunitas (que compõem 90% dos seguidores) e os xiitas. Suas crenças em torno da morte são similares ao de evangélicos e católicos, pois eles acham que a morte consiste na separação da alma e do corpo, que é a passagem para a vida eterna.

Para Ripoli (2012, p. 13), “[...] a morte não é castigo, mas simplesmente ela leva um estágio particular num processo muito mais longo, que culmina com o julgamento e o juízo final.”. O juízo final é o que dará o destino a alma depois da morte. Os muçulmanos também possuem o conceito de céu, inferno e do próprio juízo final. Se seguirem os ensinamentos de Allah, eles conceberão a vida eterna. Se desobedeceu aos ensinamentos de Allah, serão castigados.

Então, os muçulmanos creem que, vivendo e seguindo conforme os ensinamentos divinos, não há motivos para temer a morte e eles vivem tranquilos com a certeza de uma possível reencarnação. Outra coisa é que o corpo não pode ser cremado, ou seja, o corpo tem que ser enterrado o mais rápido possível para que a alma possa permanecer no corpo enquanto estará sendo banhada por panos e o corpo não é deixado sozinho.

Os muçulmanos acreditam que ao nascerem eles estão nas mãos de Alá, assim também ao morrer, também estão, existe uma tradição entre os muçulmanos que os mortos têm que ser enterrados no mesmo dia que morrem, de preferência antes do por do sol, os crentes islâmicos nunca são cremados, eles tem também um rito muito importante, que o morto é lavado de três a cinco vezes antes de ser enterrado [...] (RIPOLI, 2012, p. 14)

Portanto, o islamismo vê a morte como uma etapa, uma passagem para a vida eterna da alma. No processo de luto, os familiares tendem a fazer uma reflexão sobre a morte da pessoa próxima e que isso deve servir como um lembrete vívido de que, um dia, seguiremos os próximos passos. Nos primeiros 40 dias eles fazem uma visita ao cemitério e fazer orações. Depois de 40 dias, há a presunção de que o falecido já aceitou e estabeleceu sua nova morada.

2.2.6 Judaísmo

O judaísmo é uma das três religiões abraâmicas, que é definida como religião, filosofia e modo de vida do povo judeu. No judaísmo, não há um conceito fixo de morte. Há diversas vertentes de crenças, e no contexto da morte, há diversas formas de interpretar o que acontece depois da morte. Uma parte dos judeus acreditam na reencarnação (quando a alma volta em um novo corpo), já outra parte dos judeus acreditam em ressurreição (o retorno da alma no mesmo corpo).

Os judeus veem a morte como algo natural, não como uma tragédia. O judaísmo tem os seus rituais fúnebres que são relacionados na cultura judaica. Segundo Ripoli (2012, p. 8), a pessoa teria que confessar seus pecados que cometeu ao longo de sua vida. Depois de confessar seus pecados, ele teria que falar um lema, que é: “Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor”.

Ainda de acordo com o autor, os mortos devem ser enterrados imediatamente, ou seja, no dia do próprio óbito, e se deixar o cadáver sem enterrar, seria considerado profanação (RIPOLI, 2012). Assim como no islamismo e no candomblé, o cadáver não deve ser cremado. O processo do enterro é preparado pela própria comunidade judaica, pois os voluntários estarão no local para cuidar de todo o processo para aliviar a dor dos familiares.

Vemos que a cerimônia fúnebre há uma comunicação mítica ritualística, enterrar em lugar e território sagrado. A ortodoxia judaica não permite a cremação dos corpos, eles entendem que estão negando a ressurreição do corpo no porvir, está é praticamente a visão escatológica no judaísmo. (RIPOLI, 2012, p. 9)

O ritual fúnebre acontece quando as pessoas rasgam suas roupas e não costumam se comunicar verbalmente, utilizando somente as expressões. Depois, o corpo é sepultado em um jazigo simples, com a lápide constando os dados como o

nome e os símbolos religiosos. Um exemplo mais notório é o uso da Estrela de Davi nas lápides dos falecidos.

Passado o dia do óbito, a família se encontra em estado de luto, entrando no período de *shiva*. O *shiva* consiste em ficar dias fazendo tributo ao membro que faleceu. Pessoas fecham suas casas, usam roupas rasgadas dentro de casa, sentam-se em bancos baixos e outros fatores. Eles também se recusam a fazer atividades mundanas como tomar banho e fazer a barba. Só depois de várias cerimônias que os familiares recebem a visita de parentes para confortá-los, finalizando o período de *shiva*.

2.3 A morte em diferentes culturas e países

A manifestação da morte ocorre em diversas culturas de outros países no mundo afora. Cada país tem à sua maneira de fazer tributos aos mortos. No Brasil, por exemplo, predomina as religiões cristãs, com velórios de 48 horas, enterros ou cremações, orações, flores e velas. Geralmente, os sentimentos apresentados são de dor e desespero ou de paz e tranquilidade, mas vai depender do contexto familiar.

Um grande exemplo é a abordagem da morte na cultura mexicana, cuja data é no dia 2 de novembro, por lá chamado de *Día de Los Muertos*. No México, a morte é vista com muita festa e alegria. Para Villaseñor e Concone (2012), a cultura mexicana festeja, se diverte e brinca de forma irônica com a morte, misturando o sagrado e o profano. Essa mistura entre o sagrado e o profano cria um sincretismo religioso oriundo das tradições do catolicismo e dos povos indígenas.

As famílias mexicanas costumam recordar e homenagear todos os entes queridos que passaram para “outra vida”, com muitas cores, oferendas de comidas, flores, incenso, velas e bebidas alcoólicas. É considerada uma festa muito popular no México, e a celebração pode variar de região para região, com estruturas parecidas. Compõem também a tradição mexicana as caveiras sorridentes de açúcar (com o nome do falecido), o pão e as bandeirinhas de papel colorido, cuja utilidade é decorar as ruas e cemitérios como forma de celebração da vida que invade a morte.

Para os mexicanos, a vida e a morte não são antagônicas. Segundo Villaseñor e Concone (2012, p. 43),

Somos mortais, estamos feitos pelo tempo; porém, há maneiras de pensar que a morte não é o fim de tudo, mas o começo de uma nova realidade, que o povo mexicano apresenta através da cultura popular, ridicularizada na festa dos mortos.

Então, a morte, que seria motivo de tristeza, vira um momento de festa e alegria e em uma maneira especial e, ao mesmo tempo, original. Para alguns, parte da população mexicana tem dificuldades para aceitar e compreender a morte. Talvez por isso que se brinque e se divirta com a morte, fazendo com que esse sentimento de dor e perda do ente querido se transforme em ironia e deboche (VILLASEÑOR; CONCONE, 2012).

Na cultura asiática, os povos possuem suas próprias tradições de luto e visões diferentes acerca da morte. Na China, por exemplo, as tradições de luto variam de acordo com a idade, a causa da morte, o status social e de relacionamento de quem morreu. Os rituais mudam conforme a região do país e os chineses seguem tradições de religiões e crenças específicas, como o cristianismo e o budismo. O funeral costuma durar 7 dias e o anúncio do falecimento ocorre através de convites enviadas a parentes e amigos.

Como visto neste capítulo, as representações da morte e seus rituais fúnebres foram mudando no decorrer do tempo (desde a Antiguidade até chegar nos dias atuais), e também apresentamos o conceito da morte em algumas religiões e nas culturas de países diferentes, cada um interpretando a morte à sua maneira, com a intenção de pontuar a diversidade na relação que os homens, suas culturas e seu tempo histórico podem ter com a finitude, sem pretensão de esgotar o tema.

3 AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA NO MANEJO DO LUTO

Neste capítulo, vamos falar da contribuição da psicologia no manejo do luto. Ainda neste capítulo, apresentaremos também os estudos e as teorias sobre o luto. Através desses estudos e das teorias apresentadas é que o psicólogo tende a entender os sentimentos da pessoa no processo do luto e a criar possíveis intervenções e trabalhar com o paciente a lidar com o luto de uma maneira mais respeitosa.

3.1 Teoria do apego

A teoria do apego é um estudo desenvolvido por John Bowlby, tendo como base o vínculo entre pessoas, resultando na manutenção de comportamentos de proximidade, na qual consideraria o mais apto para lidar com o mundo afora. A formação de vínculos primários possui relação com o luto, em que a pessoa apresenta comportamentos diferentes depois um indivíduo considerado próximo a ele, as figuras primárias de apego (irmão, mãe, pai, tios, cuidadores e outros), desaparece ou é ameaçado.

Em um primeiro momento, as crianças são predispostas a formar vínculos afetivos com um pequeno número de cuidadores, procurando-os como uma fonte de conforto quando as condições são ótimas, e como fonte de segurança em momentos estressantes. Posteriormente, os modelos internos de funcionamento e os estilos de regulação de emoções, desenvolvidos com as relações iniciais, darão base para o estabelecimento de relações com outras pessoas, inclusive com parceiros de brincadeiras (Ainsworth & Bowlby, 1991, apud. PONTES, 2007, p. 69).

John Bowlby foi um psiquiatra e psicólogo notório por realizar a teoria do apego, que abrangeu as bases psicológica, evolutiva e etológica. Bowlby, depois dos eventos da Segunda Guerra Mundial, começou a fazer estudos sobre o apego, mais especificamente com crianças órfãs e sem lar, pois essas crianças apresentavam mais dificuldades depois da guerra, que ocasionou várias consequências psicológicas.

Bowlby buscou compreender esses estudos e via os vínculos humanos como aspectos centrais para a formação da personalidade do ser humano. Para Nascimento (2006), os estudos de Bowlby, apoiadas na formação e rompimento de

vínculos, discorrem sobre as perdas e separações involuntários e se relacionam com os casos de depressão, desapego emocional, ansiedade e entre outros fatores.

Ainda assim, Bowlby (1998) descreve, apud Nascimento (2006, p. 431):

[...] o comportamento de Apego é caracterizado como uma tentativa de provocar a atenção ou manter a aproximação da figura discriminada, aquela com a qual o indivíduo estabelece um vínculo sendo, habitualmente, a figura materna. Esse comportamento promove o desenvolvimento de laços afetivos estabelecidos inicialmente na infância com os pais e, posteriormente, na vida adulta, com o parceiro e outros adultos.

O comportamento do apego, por si só, se manifesta ao longo da vida, em suas várias camadas, com padrões que determinam esses comportamentos sendo resultados de experiência com a figura de apego. Então o apego, para Nascimento (2006, p. 431), “Ele se inicia em situações nas quais os indivíduos demonstram fadiga extrema, medo ou pela própria ausência da figura discriminada, e se encerra com a presença desta figura ou em um ambiente familiar ou social propício.”

Durante seus estudos com crianças, Bowlby e seus colaboradores denominaram três padrões básicos do apego: 1. Apego seguro; 2. Apego resistente e ansioso; e 3. Apego ansioso com evitação. As relações de apego, mais precisamente o apego seguro, colaboram com o desenvolvimento de modelos internos que são caracterizados pela valorização do apoio. A ausência desses desenvolvimentos pode acarretar em um apego inseguro, que será abordado no capítulo seguinte. Um exemplo de caso de apego inseguro é a transferência do apego de uma pessoa falecida para outra pessoa viva.

O apego interfere no processo de luto da pessoa em lidar com situações adversas. Ainda segundo a autora, a compreensão de caráter doloroso com o luto gera um conjunto de sentimentos, por ora, antagônicos, como a constante busca da figura perdida, sentimento de culpa e alto grau de desorientação em torno do quadro da perda (NASCIMENTO, 2006).

A incerteza e a ambivalência podem maximizar o quadro da perda, em que as coisas não ficam claras. Quando a pessoa apresenta traços relacionados ao apego inseguro, não há predomínios de segurança e valorização dessa pessoa, ficando evidente os comportamentos aversivos, como agressividade, isolamento, negação e etc. Segundo Pontes (2007, p. 69):

Em função de interações aversivas, a criança pode desenvolver expectativas negativas, especialmente, em torno da disponibilidade dos outros em momentos de necessidade e estresse, evidenciando, posteriormente, insensibilidade, raiva, agressão e falta de empatia nas relações subsequentes.

John Bowlby teve sua importância nos estudos sobre o apego e proporcionou uma forma de conceituarmos a tendência do ser humano em criar laços afetivos fortes com outros indivíduos (WORDEN, 2013). Seus ensinamentos ajudaram outros teóricos e estudiosos a fazerem pesquisas aprofundadas sobre o tema em questão, assim como relacionar os estudos de Bowlby com os processos de luto da pessoa.

3.2 Tanatologia

A tanatologia é uma área que faz o estudo da morte, englobando tanto na teoria quanto na prática. Segundo Kovács (2008), a tanatologia é uma área de conhecimento e de aplicação, que envolve os cuidados destinados a pessoas que vivem processos de morte pela perda de pessoas significativas, processos de adoecimento, em decorrência de comportamentos autodestrutivos, suicídio ou causas externas, como a violência nos centros urbanos.

O estudo da tanatologia trouxe várias contribuições ao longo do tempo. William Osler, médico canadense e considerado por muitos como o pai da medicina moderna, fez um artigo na qual ele apresenta uma discussão sobre os aspectos físicos e psicológicos da morte. A tanatologia tem como objetivo principal “amenizar o sofrimento de pessoas no fim da vida, envolvendo questões como suicídio, luto, eutanásia — temas muito avançados para a época.” (KOVÁCS, 2012, p. 156).

Como Osler estudava patologia no Hospital Johns Hopkins, considerado uma referência em educação médica, ele se interessou em estudar a morte e tinha uma grande preocupação em questão ao cuidado das pessoas. Ainda de acordo com Kovács (2012), Osler apresentava casos em que acompanhava crianças até a morte, onde deixam rosas nos leitos, demonstrando a importância da empatia e compreensão do processo do fim da vida. Ele propunha que a morte deveria ser menos dolorosa, defendia que algumas drogas específicas fossem utilizadas para que o processo da morte fosse facilitado, não só por questão de “alívio da dor”. Então, “advogava que as pessoas deveriam morrer dignamente, sem sofrimento, sem

intervenções desnecessárias, podendo se perceber aí as raízes do movimento dos cuidados paliativos.” (KOVÁCS, 2012, p. 157).

A tanatofobia é um termo que significa medo da morte, é um medo considerado patológico. Mesmo sabendo que todos nós morreremos um dia, esse medo da morte persiste em algumas pessoas, podendo gerar reações físicas e emocionais severas ao entrar em contato com qualquer coisa que lembra a morte.

Na teoria de Otto Rank o medo da morte é tratado também como fenômeno derivado e secundário. Rank (19) considera que todas as ansiedades são causadas pela experiência do processo de nascimento e que as reações fisiológicas e psicológicas associadas com o medo, inclusive o da morte, recapitulam as reações do nascimento. (DA COSTA TORRES, 1979, p. 60)

O estudo da tanatologia apresentou mudanças significativas ao longo dos anos, mais precisamente na década de 1960, com a publicação dos trabalhos de Elisabeth Kübler-Ross e Cicely Saunders, onde elas fizeram o trabalho com pacientes em estágio terminal da doença. Elas trazem o tema da morte para um grande público e desafiaram uma mentalidade que considera a morte como algo interdito (KOVÁCS, 2012).

A tanatologia se consolidou nas décadas de 1970 e 1980, e, no meio do caminho, houve uma estagnação em torno do tema. O conservadorismo e a exigência de um rigor metodológico nesse estudo foram fatores para essa estagnação, havendo “uma necessidade de comprovação de tudo o que se dizia e muitos estudos foram replicados com forte tendência à quantificação.” (KOVÁCS, 2012, p. 159).

Houve vários questionamentos acerca da tanatologia, apresentando uma tendência que restringiu os estudos da morte. Alguns autores queriam criar e padronizar as escalas (testes) para medir a ansiedade das pessoas diante da morte. Por ser considerada uma área bastante complexa e ampla, a tendência à quantificação acabou afastando os estudiosos da tanatologia.

Uma hipótese é de que talvez possa estar se operando um mecanismo de defesa, que não nos deixa entrar em contato com temas que lidem com a subjetividade do ser humano diante da morte, diante da sua extinção. Questionam por que os clínicos não leem o que os pesquisadores escrevem, e sugerem que, talvez, não o façam porque não respondem às suas questões principais. Clínicos e acadêmicos deveriam trabalhar juntos [...] (KOVÁCS, 2012, p. 159)

Então, veio a contribuição mais importante. Kübler-Ross publicou o livro *Sobre a morte e o morrer* (*On death and dying* no original), seu trabalho mais notório, onde ela apresenta suas ideias, que tiveram influência no estudo da morte, sejam das pessoas que estão à beira da morte ou que estão em processo de luto. Kovács (2012, p. 93) fala um pouco sobre a obra de Kübler-Ross:

É nesta obra que apresenta os estágios pelos quais passam os pacientes que enfrentam o diagnóstico de uma doença grave, ou perderam pessoas próximas, e estão vivendo situações-limite. Afirma não saber que tipo de influência esse livro poderia ter e não queria que se pensasse que ele ofereceria a cura física; propunha, isso sim, um outro processo de “cura” (o termo *healing* em inglês), no sentido emocional e espiritual. Trata-se, de fato, de uma proposta de aprendizagem sobre o processo de morrer.

O livro, que será bastante usado neste trabalho, trouxe várias contribuições para a tanatologia como um todo, e também a compreensão da morte e do morrer no contexto da psicologia e engloba temas muitos complexos. O psicólogo fará pesquisas com o tema para elaborar possíveis intervenções no manejo do luto da pessoa.

3.3 O papel do psicólogo no manejo do luto

O psicólogo, ao fazer o manejo do luto, deverá elaborar orientações para que o indivíduo consiga lidar com a perda de forma mais aquedada. A atitude do profissional da psicologia interfere diretamente no enfrentamento da família, dos amigos e até do paciente. O processo de enfrentamento do luto é fundamental e o psicólogo deverá se encaixar em um público variado para dar essas orientações e intervenções nessas situações.

3.3.1 Luto parental

O luto parental é caracterizado quando os pais perdem os seus filhos. É uma experiência complexa, pois vários fatores interferem no luto parental, tais como o rompimento da sequência cronológica da morte, o papel que o filho desempenhava na família, a causa da morte, idade do filho, qualidade e proximidade da relação, entre outros (Morelli, Scorsolini-Comi & Santos, 2013, apud COELHO FILHO e LIMA, 2017).

O luto parental implica em várias consequências: crises, desestruturações e repercussões dos pais diante da perda, seja em nível individual ou na dinâmica

enquanto casal, sistema familiar ou social. Segundo Coelho e Lima (2017), esse luto aparece como uma resposta imediata e esse acontecimento solicita aos pais uma nova identidade. É a partir dessa perda que se constrói a elaboração do luto para que essa identidade seja construída, onde diferentes mudanças surgem na vida dos pais enlutados, que são referentes a concepção de mundo e papéis.

Não há um tempo determinado para que os pais vivenciem o luto. Em alguns pais, o luto dura um tempo menor (podendo durar dias ou meses), já em outros, o luto tende a ser prolongado (podendo durar meses ou anos), mas vai depender da singularidade da família e de diferentes fatores ali expostos, como a cultura, fatores complicadores (exemplo: brigas em família, a doença de um filho e etc.) e outras situações.

McGoldrick (1998) assinala que a demarcação de um tempo cronológico para o sofrimento desconsidera que a perda de um vínculo afetivo não é um evento banal na vida de uma família, por isso demonstra em seus estudos que a experiência de sofrimento é retomada ao longo de várias etapas do ciclo de vida familiar. (LUNA, 2020, p. 05)

O que o psicólogo pode fazer em casos de luto parental, de acordo com Aguiar (2022): 1. Comunicar aos pais de forma clara, efetiva e empática; 2. Formação de memória e rituais fúnebres; 3. Dar continuidade do cuidado; 4. Prestar condolências à família; 5. Psicoterapia; 6. Dar hábitos de vida saudável; e 7. Grupos de apoio. Vamos dar enfoque aos tópicos 1 e 5, que influenciam no contexto psicológico da família.

O psicólogo deverá demonstrar empatia à família do enlutado, ou seja, ele não poderá dizer algumas coisas que invalidam o sofrimento dos pais. Exemplo: o psicólogo não poderá dizer frases como “ele está em um lugar melhor”, “eu sei o que você está sentindo!”, “você é jovem, pode ter outro filho” e etc. Frases como essas, além de invalidar o sofrimento, o psicólogo demonstrará antipatia ao não reconhecer a dor dos pais. Por isso, o psicólogo deverá apoiar a família e ser empático, reconhecer a dor e dar suporte a eles.

A psicoterapia é um fator importante nesse processo de luto, ele auxilia a família a relatar a situação que eles estão passando para ajudar no enfrentamento da perda de um filho. Alguns podem apresentar luto crônico, que pode acarretar em um

luto complicado e não resolvido. Por isso, os pais devem fazer acompanhamento psicológico.

3.3.2 Luto infantojuvenil

O luto infantojuvenil é a reação de como a criança ou o adolescente lida com a própria percepção da finitude da vida. A criança percebe que a morte é real, e que pessoas próximas ou um animal de estimação se vão um dia. Assim como o luto em adultos, o luto infantojuvenil apresenta um turbilhão de emoções que a criança precisa lidar, como a percepção a fragilidade em adultos e de outras informações.

O luto infantojuvenil é, em geral, negligenciado e pouco validado socialmente, pois as crianças e adolescentes muitas vezes são vistas como incapazes de se enlutar, uma vez que “são pequenas” ou “não entendem”, o que revela uma visão errônea acerca das experiências infantis e das formas de expressá-las. (AGUIAR, 2022, p. 16)

Ao vivenciar o luto, crianças e adolescentes tendem a apresentar reações que influenciam diretamente no sistema cognitivo e neuropsicomotor, tais como sentimento de culpa, ansiedade, agitação, ambivalência, alterações no sono e apetite, insegurança, dificuldade de expressar emoções, isolamento, usar o brincar como escape e outros fatores. Na adolescência, há o risco de desenvolver o luto complicado devido às mudanças psicoemocionais referentes à própria fase da adolescência.

De acordo com Silva (2019), muitos pais ou responsáveis, durante o momento do pesar, poupam as crianças em contar a verdade sobre a perda ou, até mesmo, impedindo a criança de ir ao funeral, temendo que a criança, por mais afável que seja nesse momento, desenvolva um trauma que possa acarretar em um prejuízo psíquico no futuro. Ao impossibilitar a criança de estar presente no momento fúnebre, os pais ou responsáveis devem dialogar de forma mais coesa e franca no momento da notícia.

Em crianças menores de 6 anos, mencionar que fulano “foi viajar” ou “está dormindo”, causa uma confusão mental, pois as crianças, nessa idade, não compreendem metáforas. Elas podem apresentar medo de dormir ou viajar para onde o objeto de afeto e amor se foi. Ao falar a verdade para a criança, permite participar dos rituais de despedida, mesmo que seja muito difícil para a família, acaba sendo a melhor solução (SILVA, 2019).

As crianças entre cinco e sete anos de idade são um grupo particularmente vulnerável. Elas já se desenvolveram o suficiente, cognitivamente, para entender certas ramificações permanentes da morte, mas têm muito pouca capacidade de enfrentamento, isto é, suas habilidades de ego e sociais são insuficientemente desenvolvidas para capacitá-las a se defender por si mesmas. Esse grupo, em particular, deve ser cuidado com especial atenção, por parte do conselheiro. (WORDEN, 2013, p. 172-173)

O papel do psicólogo no luto infantojuvenil provém em adotar técnicas da associação livre, muito utilizada por psicólogos de abordagem psicanalítica. O objetivo do psicólogo analista, segundo Silva (2019, p. 26), “oferta ao seu analisado oportunidade de recordar, repetir e elaborar o eventual ocorrido que lhe causa tanto sofrimento.”

O psicólogo precisa estar ciente de várias coisas. Nas palavras de Worden (2013), o processo de luto por perda na infância pode ser revivido na fase adulta, quando momentos da vida é reativado por meio de memórias. O psicólogo deverá desenvolver formas de abordagens preventivas de saúde mental para as crianças em fases de luto, como, por exemplo, oferecer intervenção precoce para que a criança consiga expressar seus sentimentos.

3.3.3 Luto fetal

O luto fetal ou perda gestacional é caracterizado quando o feto, ainda no útero da mãe, sofre uma interrupção de seus impulsos de vida. Para ser caracterizado como um óbito fetal, de acordo com Aguiar e Zornig (2016, p. 265) “[...] a morte deve ocorrer antes da expulsão ou de sua extração completa do corpo materno.”

O luto fetal pode ocorrer em diversas situações, tais como aborto, problemas na gravidez, malformação do bebê, dentre outros. A morte da criança antes de nascer representa uma grande perda para os pais, mais especificamente para a mãe, em que os sonhos, os planejamentos e as expectativas são abruptamente interrompidos, gerando sentimentos de frustração e tristeza, gerando uma sensação de vazio (AGUIAR, 2022).

A morte de uma criança é vista como um dos mais dolorosos acontecimentos que pode ocorrer em qualquer pessoa. Esperem-se que tenha um momento de tristeza por parte da família, mas não atribuindo o mesmo peso e status sentidos pelos pais. Para Aguiar e Zornig (2016), a rede social, isto é, as famílias dos

pais apresentam dificuldades em compreender a dor que estão sentindo, porque, para eles, é como se o bebê nunca tivesse existido.

O aborto ou abortamento é a interrupção precoce da gravidez antes que o feto seja capaz de sobreviver fora do corpo da mãe. O aborto pode ser intencional ou espontâneo e, em ambos os casos, é um processo muito doloroso. Uma das primeiras preocupações quando a mulher sofre um aborto é a questão da saúde, já que o aborto, se realizado de forma insegura, implica em riscos à saúde da mulher.

Como em outras perdas, existe necessidade crucial de ser capaz de falar acerca da perda, mas no caso de abortos espontâneos, assim como nos abortos provocados, amigos e membros da família não sabem da gravidez ou se sentem desconfortáveis para falar sobre tal experiência. O desconforto deles não ajuda em nada na resolução do luto dos pais. (WORDEN, 2013, p. 143)

Em casos em que o bebê nasce morto (natimorto), há um senso de perda dupla. O vazio é experimentado por mães após o parto, mesmo com a criança viva, podendo gerar a depressão pós-parto. Porém, com o natimorto, a mãe lidará com o vazio tanto interno quanto externo, se instaurando no momento existencial da mãe, o narcisismo dos pais aparecendo em cena (AGUIAR e ZORING, 2016).

O psicólogo deverá trabalhar com os pais sobre a situação da perda, oferecendo acompanhamento psicológico tanto à gestante quanto ao pai desde o momento do diagnóstico da perda gestacional. Os pais compartilham a dor para o psicólogo e ele dará todo o suporte necessário para ajudar os pais a vivenciar a perda da criança.

3.3.4 Luto em situações de morte inesperada

O luto em situação de morte inesperada acontece quando as mortes ocorrem em eventos catastróficos, tais como desastres naturais ou por ação humana, sem um aviso prévio ou nenhum sinal, causando uma ruptura intensa e de muito sofrimento por parte dos enlutados. Ao receber a notícia, o choque tende a ser grande, pois não tiveram a chance de atravessar o luto antecipatório.

Carnaúba, Pelizza e Cunha (2016) descrevem que a morte está presente no cotidiano, concreta e inevitável, mas que o homem também está constituindo sua subjetividade que busca essa imortalidade, vendo a morte como algo que precisa ser

combatido. Quando uma pessoa morre de uma maneira abrupta, o vínculo é quebrado, uma parte dessa subjetividade da outra pessoa acaba “morrendo junto”. Há sinais de desorganização, paralisação e impotência em casos de morte inesperada, pois não estavam preparados para essa perda tão repentina.

Segundo uma pesquisa de Harvard, os enlutados que não esperavam e não estavam preparados para a morte eram claramente mais perturbados do ponto de vista emocional, e essa perturbação persistiu durante o primeiro ano de luto. Nesta pesquisa, também foi descoberto que um tipo específico de luto é gerado quando há situações de mortes inesperadas. Dentre essas especificidades, o entorpecimento e a descrença permaneceram por mais tempo nesses enlutados, eles se percebiam sozinhos, ansiosos, deprimidos e sentiam continuamente a presença do morto (PARKES, 1998 Apud. CARNAÚBA, PELIZZA, CUNHA, 2016, p. 45).

Os enlutados que estejam envolvidos com as lembranças do falecido apresentam reações como: autoacusações, tendem a chorar mais, sentir-se entorpecidos e manifestar muita saudade da pessoa falecida. Além disso, há a probabilidade de apresentar alguns transtornos, tais como o transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), transtorno de ansiedade generalizada (TAG) e dentre outros.

Ainda segundo as autoras, as lembranças dolorosas e persistentes impedem que surjam lembranças felizes, interferindo no trabalho do luto (CARNAÚBA, PELIZZA, CUNHA, 2016). Essa seria uma das razões das longas durações de reações traumáticas de luto inesperado, pois essa pessoa não conseguiu elaborar o luto de uma maneira adequada e ainda vai acabar gerando um problema psicológico no futuro, tanto para o indivíduo quanto para a família.

Quando alguém morre inesperadamente, o enlutado não tem o tempo que precisa para se preparar para a perda, lidar com assuntos inconclusos e dizer adeus. Perdas não resolvidas, traumáticas ou inesperadas, podem gerar um medo catastrófico para uma pessoa confrontada com uma ameaça de perda. (CARNAÚBA, PELIZZA, CUNHA, 2016, p. 46)

Na maioria das situações, principalmente em desastres, a falta de um corpo dificulta a concretização da perda, tornando-se impossível a realização de um ritual de despedida propriamente dito. As autoras continuam: “[...] os rituais fúnebres não representam somente a manutenção da memória dos mortos no momento presente, mas também a busca para evitar o esquecimento que ocorre com o tempo de uma geração para outra” (CARNAÚBA, PELIZZA, CUNHA, 2016, p. 46-47).

A psicologia possui um importante papel em torno do luto repentino/inesperado. Nesses casos, o psicólogo dará, em seu papel, o acolhimento e a escuta desses sujeitos que estão em processo de luto. Esse acompanhamento psicológico é fundamental para os enlutados assimilar as perdas e aceitar o luto posteriormente.

3.3.5 Luto antecipatório

O luto antecipatório é um conjunto de sentimentos desencadeados na pessoa enferma e na família diante da ameaça de perda ou morte. Ela acontece na comunicação de uma má notícia (exemplo: diagnóstico de uma doença) ou diante de uma intercorrência grave. O termo luto antecipatório foi conceituado pelo psiquiatra alemão Erich Lindemann, enquanto fazia observações com as esposas de soldados que voltavam do combate após os eventos da Segunda Guerra Mundial.

De acordo com Neto e De Macedo Lisboa (2017, p. 309), o luto antecipatório definido pelo psiquiatra Lindemann ocorre em um contexto onde não há doenças, mas em função de uma separação de um membro da família em encontrar uma situação onde uma probabilidade alta de morte. A família, então, realiza um trabalho de luto como uma forma de enfrentar um possível óbito de um membro da família.

No luto antecipatório há o conceito de perda ambígua. A perda ambígua é quando há incerteza em relação à morte de um membro da família ou que está ausente, ao menos fisicamente, mas que se faz presente no sentido psicológico, por exemplo: o soldado está ausente de corpo, mas está presente nas lembranças de sua esposa (NETO e DE MACEDO LISBOA, 2017).

A perda ambígua também pode ocorrer de outra forma. Ainda segundo Neto e De Macedo Lisboa (2017, p. 309):

[...] a perda ambígua ocorre, também, quando o sujeito está presente fisicamente; entretanto, com um quadro clínico de saúde que acarreta em uma condição diferente da anterior, fazendo com que a família desenvolva um processo de luto antecipatório, visto que sua doença gera o fenômeno de enlutamento, como no caso de doenças degenerativas.

O luto antecipatório possui suas particularidades e a vivência do luto antecipatório manifesta vários quadros emocionais ao longo do processo de luto.

Então, Aguiar (2022) esclarece que a família apresente estratégias de estreitamento de relações, como forma de valorizar o tempo compartilhando os momentos entre pais e filhos, possibilitando, assim, a criação de lembranças e uma despedida digna ao enfermo.

O psicólogo pode realizar, junto com uma equipe interdisciplinar, intervenções conjuntas para atender tanto o paciente quanto os familiares e cuidadores. A avaliação psicológica visa na abordagem centrada na pessoa, envolvendo o aspecto biopsicossocial, como forma de promover qualidade de vida aos envolvidos diante da situação em que se encontram.

3.3.6 Luto normal *versus* luto complicado

O luto, em seu trajeto considerado “natural” e sem complicações, é quando o indivíduo passa por um certo trajeto, se manifestando através de sentimentos de choque inicial, sendo seguido por sentimentos de tristeza e angústia. Além das dores iniciais, há também falta de apetite, distúrbios de sono, dificuldades de concentração, perda de peso e outros fatores.

O luto, mesmo quando considerado normal, não significa que não seja doloroso ou que não exija um grande esforço de adaptação às novas condições de vida, tanto por parte de cada um dos indivíduos afetados quanto no sistema familiar, que também sofre impacto em seu funcionamento e em sua identidade. (AGUIAR, 2022, p. 23)

No luto complicado (ou luto prolongado), a pessoa tem uma ligação afetiva muito intensa com o falecido, dificultando ainda mais a aceitação da pessoa em torno da perda. Aguiar (2022) menciona alguns fatores de risco para o desenvolvimento do luto complicado: 1. Condições inerentes do enlutado; 2. Condições relacionadas ao tipo de perda; 3. Circunstâncias individuais da morte; e 4. Outros fatores relacionados.

Nesses casos, os sintomas do luto complicado podem acabar sendo confundidos com os sintomas de depressão (são semelhantes). O luto complicado foi imposto pela primeira vez como diagnóstico no DSM-4. No DSM-5, há uma proposta para o estudo sobre o luto na parte das condições para estudos posteriores. Nessa parte, é apresentada o Transtorno do Luto Complexo Persistente, onde eles reconhecem o diagnóstico do luto como todo. Os sintomas do Luto Complexo

Persistente são diagnosticados depois de 12 meses da morte de alguém em que a pessoa tinha uma ligação afetiva.

Seis sintomas adicionais são necessários, incluindo dificuldade acentuada de aceitar que o indivíduo morreu (Critério C1) (p. ex., preparando refeições para ele), descrença em que o indivíduo está morto (Critério C2), lembranças angustiantes do falecido (Critério C3), raiva com relação à perda (Critério C4), avaliações desadaptativas sobre si mesmo em relação ao falecido ou à morte (Critério C5) e evitação excessiva de lembranças da perda (Critério C6). Os indivíduos também podem relatar desejo de morrer porque desejam estar com o falecido (Critério C7); não confiar nos outros (Critério C8); sentir-se isolados (Critério C9); acreditar que a vida não tem sentido ou propósito sem o falecido (Critério C10); experimentar um senso diminuído de identidade no qual sentem que uma parte de si morreu ou foi perdida (Critério C11); ou ter dificuldade em se engajar em atividades, buscar relações ou planejar o futuro (Critério C12). (APA, 2015, p. 790)

Ainda no DSM-5, são apresentados quatro possíveis diagnósticos diferenciais (possíveis doenças do paciente para chegar a uma explicação de sinais e sintomas, mas não a um diagnóstico de fato) para o Transtorno do Luto Complexo Persistente: luto normal, transtornos depressivos, transtorno de estresse pós-traumático e transtorno de ansiedade de separação.

Ainda assim, é necessário fazer as diferenciações das características diagnósticas através dos critérios do DSM para fazer o diagnóstico correto do indivíduo em questão. Uma diferença entre o luto normal com o luto complicado é a duração e intensidade dos sintomas, sofrimento e prejuízo da funcionalidade da pessoa (Jacobsenet al. 2010, apud MANFRINATO, 2011).

Então, o psicólogo deverá trabalhar com o indivíduo que sofre com o luto complicado, analisando a história de vida (anamnese psicológica), coletando os dados importantes, histórico de saúde do paciente e a biografia (exame psíquico), até chegar a um prognóstico. A ajuda profissional servirá para o indivíduo compreender melhor seus sentimentos no luto complicado.

4 O LUTO COMPLICADO DE WANDA MAXIMOFF

Neste capítulo, iremos abordar o luto complicado de Wanda Maximoff, como visto nos episódios da série WandaVision. Esse capítulo será dividido em tópicos para abordar os cinco estágios de luto que a personagem passa no decorrer da série. Utilizaremos a análise fílmica para analisar as cenas dos episódios em questão, porém não serão todos os episódios que vamos analisar, somente alguns episódios servirão como peças-chave para abordar cada representação do luto.

4.1 As representações do luto em WandaVision

A minissérie WandaVision, uma produção da Marvel Studios, foi lançada no dia 15 de janeiro de 2021 na plataforma de *streaming* Disney+, com um total de 9 episódios. Ela é ambientada após os eventos de Vingadores: Ultimato (2019), onde Wanda Maximoff passa por um período de luto ao criar uma realidade paralela onde ela e Visão possuem uma vida perfeita e tentam se encaixar na vida pacata de Westview, uma pequena cidade em Nova Jersey, onde a maioria dos eventos da série são ambientados.

Na série, ficam evidentes os sinais de luto complicado que a personagem passa, a exemplo dos episódios depressivos (vide os comerciais falsos que sinalizam os episódios traumáticos) e o apego diante da figura perdida. O luto complicado (ou patológico) é quando a pessoa não é capaz de conseguir elaborar a perda de algo ou alguém de maneira adequada e significativa, surgindo a possibilidade de manifestar comportamentos obsessivos e controladores. Wanda Maximoff passou por várias perdas ao longo de sua jornada e, diante da dor ao tentar elaborar o luto, cria essa realidade paralela (chamado de *Hex*) e aprisiona uma cidade inteira, em que os habitantes de Westview ficam sob controle dela e acabam sofrendo com a agressividade e negação de realidade da própria Wanda.

Kübler-Ross (1981) propõe os cinco estágios de luto em relação com a morte: 1. Negação, 2. Raiva, 3. Barganha ou negociação, 4. Depressão e 5. Aceitação. Porém, o processo de luto não é linear, ou seja, nem todo mundo segue essa sequência dos cinco estágios. Exemplo: um indivíduo pode sentir raiva e entrar em depressão ou estar em constante negação. Wanda Maximoff presencia um turbilhão

de emoções diferentes até o fim da série, onde ela finalmente aceita as perdas, ao mesmo tempo em que ela assume a sua identidade como a Feiticeira Escarlata.

O objetivo de abordar os cinco estágios de luto servirá para compreender melhor, de maneira clara e compreensível, o sofrimento da personagem com as perdas, tanto físicas quanto simbólicas, e os fenômenos psicológicos que influenciam no emocional de cada um, trazendo um olhar crítico acerca da morte e do luto mostrados na série.

4.1.1 Negação

Na fase da negação, a pessoa apresenta reações de choque temporários. Geralmente, a pessoa tende a rejeitar essa notícia, passando a não acreditar na tal notícia e rejeitar a própria realidade. Ainda nessa fase, a pessoa tende a se isolar de tudo e de todos, como forma de se proteger de uma verdade que, para essa pessoa, é inconveniente, uma mentira, e que poderia desestruturar psicologicamente.

Esta negação inicial era palpável tanto nos pacientes que recebiam diretamente a notícia no começo de suas doenças quanto naqueles a quem não havia sido dita a verdade, e ainda naqueles que vinham a saber mais tarde por conta própria. (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 50)

Nos primeiros episódios da série, Wanda e Visão estão vivendo em uma vida aparentemente idílica e sem conflitos dramáticos, baseada em *sitcoms* americanos, uma clara alusão à fase de negação de Wanda. Para Kübler-Ross (1981), a negação é usada por quase todos os pacientes, seja nos primeiros estágios da doença ou após a constatação ou numa fase posterior. No primeiro episódio, intitulado *Gravado ao Vivo com Plateia*, que possui a temática de uma *sitcom* dos anos 50, os primeiros sinais de negação ficam evidentes, quando um dos convidados que fazem uma visita à Wanda e Visão, o “Sr. Hart”, acaba se engasgando e sua esposa, a “Sra. Hart”, pensa que ele estava brincando. Wanda manda Visão (que criou dentro da realidade dela) salvar a vida do “Sr. Hart”.

Figura 1 – Cena do episódio 1: “Gravado ao Vivo com Plateia”.



Fonte: Marvel Studios/Divulgação (2021).

No segundo episódio, intitulado *Não Mude de Canal*, ainda na temática das *sitcoms* em preto e branco, mas ambientado na década de 60, Wanda começa a presenciar coisas estranhas dentro do *Hex*, como um helicóptero de brinquedo com cores, que, na verdade, trata-se de um drone enviado pelos agentes da S.W.O.R.D (ou E.S.P.A.D.A no português), que acabou por atravessar o *Hex*. Ali, há mais um sinal de negação por parte da Wanda. A cor vermelha também se encontra presente, no caso a mão de “Dottie” é ferido por causa dos cacos do copo de vidro que ela estava segurando, depois que a rádio apresenta uma falha técnica, que, por ora, foi provocada pela Wanda.

Figura 2 – Cena do episódio 2: “Não Mude de Canal”.



Fonte: Marvel Studios/Divulgação (2021).

Ainda nesse mesmo episódio, Wanda, ao lado de Visão, avista um homem vestido de apicultor saindo de um bueiro, que, no episódio 4, revela ser um agente da

S.W.O.R.D. Nesse momento, Wanda diz: “*Não!*”, fazendo rebobinar toda a fita para voltar naquele momento em que ela se sentia feliz e segura, na cena em que ela e Visão celebram a gravidez da Wanda, e as cores dão lugar na temática das *sitcoms* em preto e branco.

Figura 3 – Cena do episódio 2: “Não Mude de Canal”.



Fonte: Marvel Studios/Divulgação (2021).

No episódio 3, ambientado nos anos 70 e em cores, em um determinado momento, o Visão do *Hex* começa a questionar os eventos anteriores dos dois primeiros episódios (os habitantes começam a estranhar a realidade e as atitudes de Wanda), suspeitando que tenha algo errado e Wanda, ainda em estado de negação por conta do seu luto não elaborado, “corta” a cena e refaz o momento em que o Visão começa a falar, mas em um jeito menos desconcertante, voltando para o momento em que ela se sentia feliz.

Figura 4 – Cena do episódio 3: “Agora em Cores”.



Fonte: Marvel Studios/Divulgação (2021).

Outros sinais de negação também são vistos nos episódios seguintes da série. No episódio 4, Wanda dá de cara com o Visão, mas, ao virar seu rosto para ele, o rosto de Visão aparece todo deteriorado, uma referência à sua cena da morte dele em Vingadores: Guerra Infinita (2018), indicando que os traumas psicológicos estão “invadindo” a realidade fantasiosa de Wanda. Depois desse breve lapso, Wanda fica em estado de choque e depois olha novamente para Visão, mas com o seu rosto de volta ao normal, ou seja, as tentativas de Wanda em negar a realidade vão se deteriorando.

No episódio 5, Wanda e Visão travam uma briga sobre o controle de Wanda em torno de Westview e a mesma alega que ela não tem certeza de como as coisas estão acontecendo, indicando que ela possui um nível de controle, mas que os traumas psicológicos estão reprimidos. Mesmo assim, Wanda continuou manipulando a realidade que ela mesma criou. Nesse mesmo episódio, ela recebe a visita de seu irmão (na verdade uma pessoa se passando pelo seu irmão falecido), novamente entrando em estado de negação.

Então, a negação funciona como se fosse um para-choque depois de notícias inesperadas e chocantes, deixando que o paciente se recupere com o tempo, sem a utilização de métodos radicais, mas, ao mesmo tempo, não significa que o paciente não quer ou não se sinta feliz e aliviado em conversar sobre tal situação (KÜBLER-ROSS, 1981). A realidade criada por Wanda serve como refúgio para se isolar dos traumas e viver em uma realidade que, para ela, seria perfeita e sem conflitos internos.

4.1.2 Raiva

A raiva é uma parte importante do luto. Kübler-Ross (1981, p. 62) descreve: “Quando não é mais possível manter firme o primeiro estágio de negação, ele é substituído por sentimentos de raiva, de revolta, de inveja e de ressentimento.” Nessa fase, a pessoa apresenta condutas ríspidas e desagradáveis, a ponto de apresentar, também, comportamentos autodestrutivos. No caso de Wanda, quando aparece algum elemento que está atrapalhando esse “faz de conta” que ela criou, fazia de tudo para manter essa realidade intacta, ou seja, ela comete atos agressivos e danosos.

Entre o episódio 3 e o episódio 4, Wanda confronta “Geraldine”, na verdade Monica Rambeau, que é uma agente da S.W.O.R.D. e acabou entrando no *Hex* por acidente. Tudo começa quando Wanda menciona o nome de Pietro Maximoff, seu irmão gêmeo. Depois de Wanda cantar uma canção de ninar, Monica pergunta para ela se ele foi executado pelo Ultron, e Wanda começa a desconfiar das atitudes de sua então “amiga”, um claro sinal de raiva. Nesse momento, Wanda, transtornada, expulsa Monica para fora do *Hex*, causando destruição em parte da sua casa (por conta da raiva) e conserta parte da sua casa com seus poderes para que o Visão não desconfie do que aconteceu, alegando que está “tudo sob controle”.

Figura 5 – Cena do episódio 4: “Interrompemos este Programa”.



Fonte: Marvel Studios/Divulgação (2021).

Outro sinal de raiva acontece no episódio 7, quando Monica tenta contar a verdade para Wanda e, ao mesmo tempo, ajudar, mas Wanda, em um acesso de raiva, acusa Monica de estar mentindo e de estar machucando a família dela, ao falar sobre a questão do drone que foi enviado para matar Wanda, algo que Monica não tem nada a haver, e, mesmo assim, Wanda não se dá por convencida. Para Wanda, Monica é vista como uma ameaça ao mundo em que ela tenta manter de várias formas.

Figura 6 – Cena do episódio 7: “Derrubando a Quarta Parede”.



Fonte: Marvel Studios/Divulgação (2021).

Nos dois casos descritos, Wanda não compreende a gravidade de suas ações que ela cometeu, pois está transtornada e brigando com uma pessoa desconhecida, um comportamento considerado autodestrutivo, a ponto de causar uma tragédia ainda mais grave. Ela fazia de tudo para que seus traumas não fossem revelados para outras pessoas desconhecidas.

O pior é que talvez não analisemos o motivo da raiva do paciente; nós a assumimos em termos pessoais quando, na sua origem, nada ou pouco tem a ver com as pessoas em quem é descarregada. Reagindo pessoalmente a esta raiva, a família ou os enfermeiros, por sua vez, retribuem com uma raiva ainda maior, alimentando o comportamento hostil do paciente. Podem evitar contato com os pacientes, podem encurtar as visitas ou entrar em atritos desnecessários em defesa de sua posição, ignorando que, muitas vezes, o problema é de somenos importância. (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 64)

Então, a raiva é uma forma da pessoa enlutada colocar toda a sua tristeza, angústia, decepção e frustração para fora, e através dela que a pessoa terá que encarar a realidade, mesmo apresentando comportamentos autodestrutivos que prejudicam pessoas ao seu redor e ainda incapaz de aceitar a perda.

4.1.3 Barganha

Na fase da barganha, a pessoa enlutada consiste em fazer negociações, ou seja, faz uma negociação consigo mesma ou com uma entidade superior como uma tentativa de aliviar sua dor. A pessoa ainda apresenta raiva, mas já começa a entender melhor o que está acontecendo. Vem muitos pensamentos de “e se eu

tivesse feito isso” ou “e se eu fizer algo, posso reverter a situação”. Kübler-Ross (1981, p. 96) afirma:

A barganha, na realidade, é uma tentativa de adiamento; tem que incluir um prêmio oferecido "por bom comportamento", estabelece também uma "meta" auto-imposta (por exemplo, um *show* a mais, o casamento de um filho) e inclui uma promessa implícita de que o paciente não pedirá outro adiamento, caso o primeiro seja concedido.

O episódio 5, que divide entre o mundo real e a realidade paralela de Wanda (cuja ambientação é uma *sitcom* dos anos 80), apresenta claros sinais de barganha, quando Wanda sente uma ameaça vindo do lado de fora do domo e, já ciente de tudo que criou por conta da perda recente, ela sai do *Hex* para confrontar Tyler Hayward, o diretor interino da S.W.O.R.D, e outros agentes presentes (Monica Rambeau inclusa).

Na cena em questão, Wanda dá um aviso: “*Fiquem longe da minha casa. Se não me incomodarem, não incomodarei vocês.*” Aqui, ela está fazendo uma barganha: para que eles deixem a Wanda viver a realidade que ela mesma criou, sabendo que é uma grande mentira, mas é o que faz ela feliz e que não vai usar seus poderes para destruir nenhum deles.

Figura 7 – Cena do episódio 5: “Em um Episódio Muito Especial...”.



Fonte: Marvel Studios/Divulgação (2021).

Também na mesma cena, Monica conversa com Wanda, como uma tentativa de oferecer algo para ajudar ela. Assim como Wanda, Monica também está em fase de luto (a morte da mãe) e enxerga em Wanda uma figura que precisa de ajuda, para entender o que ela está sentindo. Wanda também enxerga essa dor em

Monica, tendo uma certa confiança quando Monica ajudou Wanda a ter os seus filhos, dando a entender que seriam aliadas. Como não tinha nada a oferecer naquele momento, Wanda vira às costas e reafirma: *“Eu tenho o que eu quero e ninguém vai tirar isso de mim outra vez.”*, retornando ao *Hex* minutos depois.

Ou seja, Wanda tenta adiar, de todas as formas, em encarar a verdade como forma de se consolar da dor que está passando, tentar esconder sua dor de tudo e de todos ao seu redor, mas, uma hora terá que encarar a realidade e as consequências de tudo, onde ela terá de reconhecer esse luto e sentir a perda de maneira profunda.

4.1.4 Depressão

A depressão é caracterizada como uma fase em que a pessoa entra em estado de grande sofrimento, se apegando à dor causada pela partida de um ente querido, sendo combustível para permanecer em estado depressivo. A pessoa chora copiosamente, apresenta crises de saudade e não consegue retomar às atividades normais após os eventos traumáticos. Kübler-Ross (1981) traz dois tipos de depressão: depressão reativa e depressão preparatória.

A depressão reativa é causada por respostas a eventos ocasionais. Ela surge como somatório de diferentes razões, portanto, “Uma pessoa compreensiva não terá dificuldade em detectar a causa da depressão e em se aliviar um pouco da culpa ou da vergonha irrealis que frequentemente acompanham a depressão” (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 99).

Já a depressão preparatória é a depressão que se dá em decorrência perdas futuras. Ainda de acordo com a autora, esse tipo de depressão tende a ser silenciosa, havendo pouca ou nenhuma necessidade de palavras, onde as expressões através de gestos de carinho, da presença só da pessoa ao lado, se exprimindo mutuamente (1981, p. 100).

A depressão fica evidente no episódio 7. Wanda demonstra-se abatida, depressiva e sem perspectivas de vida e a ausência do Visão também não está ajudando em nada. Mente e corpo ficam extremamente cansados por lutar em manter algo que já não está mais aqui, onde tudo começa a se desmoronar e o choro seria a única forma de botar tudo para fora o que está sentindo de verdade.

Figura 8 – Cena do episódio 7: “Derrubando a Quarta Parede”.



Fonte: Marvel Studios/Divulgação (2021).

A própria Wanda já menciona esses estágios de luto no começo do episódio em questão. Ela diz que sente que está tudo desmoronando e que não sabe como consertar, não sabe o que está acontecendo e se sente perdida diante de tudo isso. De fato, Wanda tenta consertar várias coisas dentro de sua realidade paralela, mas todas as tentativas foram em vão e os aspectos continuavam se dissolvendo rapidamente, não sabendo como reagir.

Figura 9 – Cena do episódio 7: “Derrubando a Quarta Parede”.



Fonte: Marvel Studios/Divulgação (2021).

A depressão requer muita conversa e apoio por parte de pessoas próximas com o enlutado, além de requerer acompanhamento psicológico. Se a depressão não for trabalhada, essa pessoa pode acabar desenvolvendo transtorno depressivo e não conseguir chegar na parte da aceitação. Só então, Wanda acorda para a realidade e admite que perdeu Visão e que não pode ficar só na ilusão, tentando fingir que não

aconteceu. Wanda não é a vilã por estar passando pelo período de luto, mas machucar e manipular as pessoas não é a solução de todos os problemas.

No episódio 8, o penúltimo da série, continuam os sinais de depressão. Wanda é obrigada por Agatha Harkness a encarar e reviver os seus traumas do passado. Desde criança, foi perdendo as pessoas que ela amava a cada fase de sua vida. Primeiro, perdeu os pais em um contexto de guerra. Depois, perdeu seu irmão e, em seguida, perdeu seu amado. Todos esses traumas estavam trancados dentro dela e reviver esses eventos traumáticos não é nada fácil, é muito doloroso, acumulando em lutos não trabalhados.

Figura 10 – Cena do episódio 8: “Nos Capítulos Anteriores”.



Fonte: Marvel Studios/Divulgação (2021).

Para Kübler-Ross (1981, p. 100), “[...] a depressão é um instrumento na preparação da perda iminente de todos os objetos amados, para facilitar o estado de aceitação, o encorajamento e a confiança não têm razão de ser.”. É nessa parte que Wanda, de um jeito ou outro, olha de perto os seus traumas. Os seus traumas são a chave para aceitar o luto e as perdas.

4.1.5 Aceitação

A aceitação é o último estágio do luto. Aqui, a pessoa enlutada passa a compreender a nova realidade, que constitui pela ausência de quem partiu. Nessa fase, há uma sensação de paz interior, pois visto que a pessoa conseguiu externalizar os sentimentos de angústia que estavam afetando emocionalmente. No entanto, a aceitação não significa esquecer a pessoa de vez e seguir a vida como se a pessoa amada não tivesse existido, a aceitação significa conviver pacificamente com a perda.

Não se confunda aceitação com um estágio de felicidade. É quase uma fuga de sentimentos. É como se a dor tivesse esvanecido, a luta tivesse cessado e fosse chegado o momento do "repouso derradeiro antes da longa viagem", no dizer de um paciente. É também o período em que a família geralmente carece de ajuda, compreensão e apoio, mais do que o próprio paciente. (KÜBLER-ROSS, 1981, p. 127)

O último episódio é um aceno ao estágio de aceitação. Depois que Wanda encara seus eventos mais traumáticos no episódio 8, ela finalmente deixa tudo isso para trás e passa a aceitar a morte do Visão, porém, a aceitação não será tão rápida assim, pois ainda vai doer muito, a ponto de se agarrar novamente à fantasia de mundo ideal e perfeito. Em um momento, essa ideia poderá acabar se rachando e com uma consciência das consequências de que essa ideia fantasiosa traz, escondendo toda a dor e angústia, para depois encarar a realidade.

Figura 11 – Cena do episódio 9: “O Grande Final”.



Fonte: Marvel Studios/Divulgação (2021).

Depois da batalha final, Wanda começa a se despedir de seus filhos, de Visão e de tudo que ela criou enquanto estava em fase de luto. Dizer adeus para as pessoas amadas não é fácil, mas essa despedida é necessária para que Wanda consiga seguir em frente, para que outras pessoas não sejam machucadas ao seu redor ou outras consequências graves, como Wanda estava machucando os habitantes de Westview. A saudade ainda vai mexer com os sentimentos da pessoa, portanto é preciso conviver com a perda de uma maneira mais pacífica, sem esquecer dos bons momentos com essa pessoa.

Figura 12 – Cena do episódio 9: “O Grande Final”.



Fonte: Marvel Studios/Divulgação (2021).

Todas as fases do luto são vividas de várias maneiras, cada pessoa lida com o luto de forma diferente, de acordo com sua personalidade. Ela pode se confundir e alternar, pode ser que a pessoa fique com raiva, depois apresenta depressão, daí a pessoa passa a estar em constante negação, e por aí vai. E ela pode apresentar vários sentimentos e a dor da perda de um ente querido perdura por muito tempo. Como foi visto aqui neste capítulo, foi possível relacionar os 5 estágios de luto proposto por Kübler-Ross através das cenas da série e chegar as possíveis hipóteses e discutir sobre as representações de morte e luto diante dos fenômenos psicológicos que foram mostrados na série.

4.2 A influência da teoria do apego no luto complicado

A teoria do apego, como foi abordado no capítulo anterior, é o estudo desenvolvido por John Bowlby e tendo como base principal o vínculo entre pessoas. A teoria do apego possui várias influências no processo de luto, como a questão de apresentar comportamentos diferentes depois que a pessoa considerada muito próxima a ele (figura primária de apego) está ameaçada de morte ou de desaparecer de vez. Segundo Nascimento (2006), a vinculação familiar e a formação de laços afetivos são correlacionadas frente à perda da situação de luto e esses vínculos estão relacionados ao padrão de apego do enlutado, ou seja, as relações que o enlutado tinha antes da morte.

Wanda Maximoff desenvolve o apego inseguro diante das perdas que ela presenciou. O apego inseguro gera falta de confiança e a falta de uma base segura, desencadeando sintomas associados a esses padrões de comportamento, tais como ansiedade, ideias e crenças irracionais e etc. De acordo com Saur (2018), o apego inseguro é dividido em três tipos: 1. Apego inseguro evitativo, 2. Apego inseguro

ambivalente e 3. Apego inseguro desorganizado. Ainda de acordo com a autora, os três tipos de apego inseguro são caracterizados como uma relação disfuncional com o cuidador e seu bebê (SAUR, 2018). Wanda teria desenvolvido o apego inseguro ambivalente.

Os ansiosos/ambivalentes, ou resistentes, mostram limitado comportamento exploratório, sempre demonstram aflição e choro diante da separação, e no reencontro, exibem uma mistura de raiva e busca de proximidade, além do fato de suas mães não conseguirem confortá-los ou acalmá-los. (PONTES, 2007, p. 70)

Wanda, ainda criança, presencia a morte dos pais, em um contexto onde o seu país natal está em guerra. Com a morte dos pais, há um luto não elaborado, pois a morte dos pais aconteceu de forma repentina, não conseguindo processar todo o acontecimento, gerando um trauma. Então, ela transfere seu apego de um ente morto (os pais, que eram figuras primárias de apego) para um ente vivo, que é o seu irmão gêmeo.

Anos depois, como descrito nos eventos de Vingadores: Era de Ultron (2015), Wanda presencia mais um acontecimento traumático, que é a perda de seu irmão gêmeo, cuja morte aconteceu de maneira trágica. Novamente, há um luto não trabalhado e complicado e, nesse meio tempo, Wanda transfere seu apego de um ente morto (seu irmão) para outra pessoa viva, que é o Visão. É através dele que Wanda se apaixona por ele e investe todo o apego e afeto e, ao mesmo tempo, lidando com a morte do irmão.

Figura 13 – Cena do episódio 8: “Nos Capítulos Anteriores”.



Fonte: Marvel Studios/Divulgação (2021)

Partindo para os eventos de Vingadores: Guerra Infinita, Wanda passa por mais um trauma: ela é obrigada a matar o Visão, como forma de sacrifício para salvar

o universo ao destruir a Joia da Mente². Porém, Thanos³, utilizando a Joia do Tempo⁴, rebobina, desfazendo o sacrifício de Visão e arrancando a Joia da Mente na frente de Wanda, assistindo a morte dele pela segunda vez. Ela acaba sendo vítima do estalo de Thanos, desintegrando por completo e só ressuscitaria 5 anos depois, com o estalo reverso de Bruce Banner⁵.

Os rituais de pós-morte são importantes para que a pessoa possa dar o seu último adeus à pessoa que se foi, expressando amor e respeito por aquela vida que essa pessoa teve. Os rituais de pós-morte variam de uma cultura para outra cultura, mas todas elas apresentam expressões similares. Segundo Papalia e Martorell (2022, p. 557):

Apesar de haver ampla variação nos costumes em torno da morte, ainda há alguns aspectos em comum nas experiências de todas as culturas. Expressões de pesar, raiva e medo são comuns transculturalmente, e a maioria das culturas possui maneiras socialmente sancionadas de expressar essas emoções no contexto do luto ou das práticas fúnebres [...]

Assim que Wanda volta do período em que foi vítima do estalo de Thanos, ela fica mais fragilizada com a morte do Visão, mais um sinal de luto não elaborado. Ao tentar solicitar para que a S.W.O.R.D. permita Wanda levar o corpo de Visão para enterrar, Tyler Hayward não permite esse ato. Aqui, há uma ausência da realização de um ritual de pós-morte, pois não houve uma despedida apropriada e a rede de apoio fica fragilizada, e Wanda estava sozinha, sem ninguém para lhe dar suporte, não conseguindo elaborar e lidar com o luto.

²A Joia da Mente é uma das seis Joias do Infinito, primeiramente introduzida em *Os Vingadores* (2012), tendo como seu poder principal o controle da mente. Foi anteriormente empunhado por Loki dentro de seu cetro, recebido como presente de Thanos para a invasão Chitauri na cidade de Nova York. Depois passou pela HIDRA, cujos cientistas usaram para dar poderes aos gêmeos Maximoff, como descrito na primeira cena de pós-créditos de *Capitão América: O Soldado Invernal* (2014), e, depois, por Tony Stark (o Homem de Ferro) ao desenvolver uma inteligência artificial, que viria a ser Ultron. A Joia da Mente foi integrada em um novo corpo biomecânico, que viria a se tornar o Visão. Sua cor é amarela.

³Thanos é um personagem fictício, sendo o principal antagonista de *Vingadores: Guerra Infinita* (2018) e *Vingadores: Ultimato* (2019) e figura central da Saga do Infinito, composto pelas fases 1, 2 e 3. Ele é descrito como um alienígena do planeta Titã, tendo como seu objetivo principal coletar as seis Joias do Infinito (mente, espaço, realidade, poder, tempo e alma) para trazer “equilíbrio” ao universo, ou seja, eliminando metade dos seres vivos existentes como forma de estabilizar a “superpopulação”. Isso gera um conflito entre os Vingadores, os Guardiões da Galáxia e aliados, que juntam forças para derrotá-lo.

⁴A Joia do Tempo também é uma das seis Joias do Infinito, sendo introduzido em *Doutor Estranho* (2016), tendo como seu poder principal a manipulação e o controle do tempo. Doutor Estranho foi o portador da Joia do Tempo, sendo encontrada dentro do Olho de Agamotto. Sua cor é verde.

⁵Bruce Banner é um personagem fictício, conhecido pelo seu alter-ego, o Hulk. Descrito como um cientista gênio, ele adquire superforça humana depois de um experimento malsucedido envolvendo radiações Gamma. É um dos membros dos Vingadores.

Figura 14 – Cena do episódio 8: “Nos Capítulos Anteriores”.



Fonte: Marvel Studios/Divulgação (2021)

Além das perdas físicas, há também as perdas simbólicas, como os momentos que seriam vividos e compartilhados entre eles, a formação de uma família e as lembranças boas. Wanda tinha planejado um futuro com Visão, mas com a morte dele, esse futuro não foi para frente, ocasionando em um desejo e busca da figura perdida, e a figura do Visão a fazia se sentir segura e pertencente. Para Worden (2013, p. 98), “[...] uma perda provoca sentimentos de insegurança e de que são incapazes de fazer as coisas por conta própria.”

Assim, Wanda acaba desenvolvendo o luto complicado. Essa ligação afetiva com o falecido é intensa, com isso comprometendo o processo de luto vivenciado e sua aceitação, apresentando diferentes reações desde ambivalência, distorção, negação até permanência de lembranças passadas, gerando desequilíbrio psicológico e adoecimento (AGUIAR, 2022).

Nessa realidade que Wanda construiu, de uma forma mais ou menos consciente e que é inspirado nas *sitcoms* que ela assistia na infância, ela forma uma família com o Visão e os dois filhos gêmeos. Ela desvia de enfrentar a ausência do Visão e as lembranças que eles vivenciarão no futuro, entrando em um estado de constante negação e mostrando incapacidade em simbolizar suas dores, repetindo em atos.

Os sinais de luto complicado ficam claros na série. Os episódios depressivos são representados pelos comerciais falsos apresentados, com cada comercial simbolizando os aspectos emocionais e as lembranças traumáticas. Outro sinal de luto complicado são as mudanças bruscas no estilo de vida, aqui representadas pelas mudanças de realidade baseadas em *sitcoms* (anos 50, anos 60, anos 70, anos 80 e assim em diante).

A pessoa costuma vivenciar esse tipo de reação de luto complicado porque, no momento da perda, o luto esteve ausente ou sua expressão foi inibida. Por conseguinte, esse luto nunca foi completado e isso causou complicações que emergiram, mais tarde, em forma de sintomas somáticos ou comportamentais. (WORDEN, 2013, p. 110)

Com o luto complicado, Wanda apresenta comportamentos obsessivos e controladores, gerando sofrimento aos habitantes de Westview, que acabam sendo vítimas desse controle da realidade que ela mesma criou, e também gerando sofrimento para ela mesma, quando se dá conta que precisa encarar a dura realidade, acessando seus traumas reprimidos.

Contudo, Wanda, depois de encarar todos os seus traumas, percebe que precisa aceitar a realidade e que não pode ter uma vida perfeita. Ao final da série, Wanda tenta superar a perda de um mundo perfeito, porém falso. Ela cria mais um apego inseguro: a relação de Wanda com seus filhos gêmeos que, mesmo não sendo reais e nunca ter sido mãe de verdade (fruto da realidade que ela inventou), o amor de Wanda por aqueles filhos era verdadeiro.

Nos eventos de *Doutor Estranho no Multiverso da Loucura* (2022), Wanda, corrompida pelo *Darkhold* (ou o Livro dos Condenados), descobre que seus filhos existem em um outro universo (a Terra-838), com uma variante da Wanda sendo a mãe deles. Por conta da sua ambição, ela comete vários atos perigosos e violentos, como matar pessoas inocentes (os magos de Kamar-Taj e os integrantes dos Illuminati da Terra-838, com exceção de Karl Mordo) e possuir sua variante da Terra-838 (através do uso da dominação onírica do *Darkhold*) para ficar perto de seus filhos.

No final, depois da batalha que trava com America Chavez, Wanda é novamente enviada para a Terra-838, onde dá de cara com a sua variante e seus filhos, e eles testemunham todo o mal que a Feiticeira Escarlata causou. A Wanda do universo principal (a Terra-616) percebe que se tornou mais um monstro do que uma mãe, enfim aceitando a realidade. As atitudes da Wanda ao longo do filme são sinais de um luto não trabalhado, o que dificulta a aceitação das perdas e de seguir em frente.

Figura 15 – Cena do filme *Doutor Estranho no Multiverso da Loucura*.



Fonte: Marvel Studios/Divulgação (2022)

Como foi visto aqui neste capítulo, a teoria do apego influencia no luto complicado da pessoa, gerando sentimentos diferentes, mas também apresentando consequências danosas tanto para o enlutado quanto para as pessoas ao seu redor (família e amigos), como a questão da não aceitação e lutos não trabalhados. Ao utilizar a série para abordar o luto complicado da personagem em questão, conseguimos apresentar um olhar psicológico nas representações de luto que cada cena dos episódios trazia, como uma forma de trazer reflexões acerca da morte e do luto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possibilitou entender a morte e o luto baseado na série WandaVision, mostrando o luto complicado que a Feiticeira Escarlate passa ao longo dos episódios exibidos e como os cinco estágios de luto propostos por Elisabeth Kübler-Ross influenciam no aspecto emocional e integridade da personagem nas cenas abordadas, trazendo uma análise psicológica mais aprofundada sobre a série. O objetivo geral deste trabalho era discutir as representações de morte e luto na série em questão, que teve mais aprofundamento no capítulo 3 deste trabalho, trazendo o luto complicado da personagem e os cinco estágios de luto. Assim, o objetivo geral foi atingido através de pesquisas sobre o tema e o uso de uma produção audiovisual para este trabalho, aqui uma minissérie televisiva de 9 episódios.

Nota-se que a temática da morte e do luto são assuntos abordados na psicologia, porém ainda precisa ser abordado para a grande sociedade, pois pouco se fala sobre o luto e a morte para a população geral e a população considera a fase do luto como uma das mais difíceis da vida e a utilização de produções audiovisuais na perspectiva da psicologia se tornam importantes para objetos de estudo, podendo fazer análises teóricas dos temas abordados e como elas podem refletir no contexto social atual. Portanto, foi possível encontrar as diferentes representações de morte e luto na série abordada, desde a perda física até as perdas simbólicas.

Para se atingir uma compreensão desse tema, definiu-se 3 objetivos específicos. O primeiro objetivo específico foi sobre o contexto histórico da morte, que foi abordado no primeiro capítulo. Neste capítulo, foi montado uma linha temporal, desde a Antiguidade até os dias de hoje, de como a interpretação de morte foi mudando ao longo do tempo. Também abordamos a morte e sua relação com as religiões, com cada doutrina apresentando uma visão diferente da morte, ora como o fim da vida ou como uma passagem. E também abordamos a morte em diferentes culturas de alguns países mundo afora, como a cultura mexicana, a cultura asiática, a cultura grega e etc.

O segundo objetivo específico deste trabalho buscou evidenciar as contribuições da psicologia no manejo do luto, que foi tema do segundo capítulo. No capítulo 2, apresentamos alguns estudos e teorias sobre o estudo da morte e do luto e as possíveis intervenções que o psicólogo pode fazer acerca do manejo do luto. Como primeiro tópico, abordamos a Teoria do Apego, estudo desenvolvido por John

Bowlby, que tem como base principal o vínculo entre pessoas (família, amigos e etc.) e de como o apego interfere no processo de luto, apresentando os três tipos de apego seguro e falamos um pouco do apego inseguro. No segundo tópico do capítulo 2, abordamos a tanatologia, uma área de conhecimento e aplicação, onde falamos um pouco do contexto histórico desse estudo e suas contribuições para diversas pesquisas, como as contribuições de Elisabeth Kübler-Ross analisar processos de morte e morrer em pacientes terminais. E no terceiro tópico, apresentamos os diferentes tipos de luto (desde o luto parental até o luto antecipatório) e o papel do psicólogo nesses públicos distintos, elaborando orientações para que essas pessoas consigam lidar com a perda de uma forma mais adequada.

O terceiro e último objetivo foi apresentar os cinco estágios de luto proposto por Kübler-Ross com base nas cenas dos episódios de WandaVision de uma maneira mais detalhada e compreensível. Nesse capítulo, os cinco estágios de luto apontados na série serviram para mostrar que Wanda Maximoff estava em um luto complicado, devido as perdas que ela presenciou ao longo de sua jornada, desencadeando em lutos não trabalhados. Ao usar a análise fílmica para analisar as cenas, percebemos que Wanda não foi capaz de elaborar as perdas (físicas e simbólicas) de uma maneira mais significativa, apresentando comportamentos danosos tanto para ela quanto para as pessoas ao seu redor, entrando em estado de sofrimento. No segundo tópico do capítulo 3, voltamos a falar sobre a teoria do apego, sobre a sua influência no luto complicado e sobre o apego inseguro que Wanda desenvolve ao longo de sua trajetória. Apresentamos três tipos diferentes de apego inseguro e a busca da figura perdida por parte de Wanda, com essas perdas se tornando em um luto complicado.

Porém, a morte e o luto são temas bastante complexos e, durante a pesquisa, apresentaram-se limitações e dificuldades no desenvolvimento deste trabalho. No primeiro capítulo, algumas religiões ficaram de fora, como, por exemplo, o hinduísmo, e nem todas as culturas de alguns países foram abordadas, mas foi possível mostrar uma ampla diversidade de como as culturas de certos países retratam e se relacionam com a morte.

No desenvolvimento do segundo capítulo, houve uma pesquisa de várias teorias e estudos acerca da morte, mas somente duas teorias foram abordadas neste trabalho: a teoria do apego e a tanatologia. Outras teorias e estudos acabaram por ficar de fora, como a questão da bioética (a escolha da forma de morrer). O tema da morte tende a ter mais aprofundamento nos seus estudos e pesquisas, porém, há

muitos impasses e equívocos, já que a população evita falar sobre a morte, fazendo-se necessária esclarecer todas as informações possíveis para a população.

Originalmente, no desenvolvimento do projeto, um dos objetivos específicos seria a utilização do filme Doutor Estranho no Multiverso da Loucura (2022) para relacionar os eventos do filme com os eventos da série com o luto complicado (ela seria o segundo capítulo). Esse objetivo específico foi incorporado no segundo tópico do capítulo 3 como forma de dar enfoque no arco da personagem Wanda para a compreensão do apego inseguro que ela sentia pelos filhos.

Na psicologia, a arte e o cinema são utilizados como ferramentas de ensino, muitas vezes sendo utilizada como objetos de estudo. A arte apresenta efeitos terapêuticos e o paciente expressa suas emoções através de diferentes manifestações (pintura, música, dança e etc.). Com as produções audiovisuais, o paciente pode se identificar com o tema abordado e relacionar os fenômenos psicológicos abordados com sua história de vida.

Conclui-se que foi possível analisar a morte e o luto através da série WandaVision, com o enfoque na abordagem psicológica nas representações de morte e luto ali mostradas e trazer reflexões acerca da morte de uma maneira mais didática para todos, para que a sociedade possa compreender melhor o luto e a finitude com mais naturalidade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Raissa Souza. Cartilha de orientações sobre o luto para profissionais da área da saúde. Grupo de Estudos em Paliativismo Pediátrico (GePaP), 2022.

AGUIAR, Helena Carneiro; ZORNIG, Sílvia. Luto fetal: a interrupção de uma promessa. **Estilos da clínica**, v. 21, n. 2, p. 264-281, 2016.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA (APA). **Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais – DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BANDEIRA, Luís Cláudio Cardoso. A morte e o culto aos ancestrais nas religiões afro-brasileiras. **Último andar**, n. 19, p. 33-39, 2010. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/ultimoandar/download/LuisClaudioBandeira.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2023

CAPUTO, Rodrigo Feliciano. O homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. **Rev. Multidisciplinar da Uniesp**. [Internet], p. 73-80, 2008. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20180403124306.pdf. Acesso em: 14 mar. 2023

CARNAÚBA, Raquel Arruda; PELIZZA, Cláudia Camargo Arthou Sant'Anna; CUNHA, Samai Alcira. Luto em situações de morte inesperada. **PSIQUE**, v. 1, n. 2, p. 43-51, 2016. Disponível em: <http://seer.uniacademia.edu.br/index.php/psq/article/view/945>. Acesso em 23 mai. 2023.

COELHO FILHO, João Ferreira; LIMA, Deyseane Maria de Araújo. Luto parental e construção identitária: compreendendo o processo após a perda do filho. **Psicologia Argumento**, v. 35, n. 88, p. 16-32, 2017.

DA COSTA TORRES, Wilma. O tabu frente ao problema da morte. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 31, n. 1, p. 53-62, 1979.

DA SILVA, Andreia Vicente. " A partida da promessa": o rito de luto evangélico e os objetos dos mortos. **Interseções: Revista de Estudos Interdisciplinares**, v. 15, n. 1, 2013. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/intersecoes/article/view/9409>. Acesso em: 11 abr. 2023

DE CASTRO CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros. **Vida e morte no Espiritismo kardecista**. Disponível em: https://www.espiritualidades.com.br/Artigos/C_autores/CAVALCANTI_Maria_Viveiros_de_Castro_tit_Vida_morte_Espiritismo.pdf. Acesso em: 26 mar. 2023

KOVÁCS, Maria Julia. Bioética nas questões da vida e da morte. **Psicologia Usp**, v. 14, p. 115-167, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psp/a/d9wcVh7Wm6Xxs3GMWp5ym4y/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 mar. 2023

KOVÁCS, Maria Julia. Desenvolvimento da Tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 18, p. 457-468, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/jQrBZXqtr35w7Y8pqCFcTJH/abstract/?lang=pt> Acesso em: 11 nov. 2022

KOVÁCS, Maria Julia. **Educação para a morte: temas e reflexões**. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**: o que os doentes têm para ensinar a médicos, enfermeiras, religiosos e aos seus próprios parentes. Trad. Paulo Menezes. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LUNA, Ivânia Jann. Construindo histórias e sentidos sobre uma perda familiar na vida adulta. **Psicologia USP**, v. 31, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/pGmVXrYbKJWDGFFxsrg5mmk/?format=html>. Acesso em: 15 mai. 2023

MANFRINATO, Mariana Guimarães. Psicologia e DSM. **Monografia de curso de aprimoramento**, v. 4, 2011.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. **O que é morte**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. 77 p.

NASCIMENTO, Cecilia Cassiano et al. Apego e perda ambígua: apontamentos para uma discussão. **Revista Mal Estar e Subjetividade**, v. 6, n. 2, p. 426-449, 2006.

NETO, Jorge Ondere; DE MACEDO LISBOA, Carolina Saraiva. Doenças associadas ao luto antecipatório: uma revisão da literatura. **Psicologia, saúde e doenças**, v. 18, n. 2, p. 308-321, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/362/36252193003.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2023

PAPALIA, Diane E.; MARTORELL, Gabriela. **Desenvolvimento humano**. 14ª ed. Porto Alegre: Grupo A, 2022. E-book. ISBN 9786558040132. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786558040132/>. Acesso em: 11 nov. 2022

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes-conceitos e metodologia. In: VI Congresso Sopcom. 2009. Lisboa. **Anais eletrônicos...** Lisboa: SOPCOM, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/242758192_Analise_de_Filmes_-_conceitos_e_metodologias#:~:text=Segundo%20Penafria%20%282009%29%2C%20o%20processo%20de%20an%C3%A1lise%20f%C3%ADmica,decompostos%2C%20ou%20seja%2C%20interpretar%22%20%28Penafria%2C%202009%2C%20p.%201%29. Acesso em: 02 mar. 2023

PONTES, Fernando Augusto Ramos et al. Teoria do apego: elementos para uma concepção sistêmica da vinculação humana. **Aletheia**, n. 26, p. 67-79, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115013567007.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2022

RIBEIRO, Thiago Henrique Pereira. Concepções egípcias acerca da morte: uma releitura sobre a questão da alma no Egito antigo. **Fato & Versões-Revista de História**, v. 6, n. 12, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/fatver/article/view/1293>. Acesso em: 27 mar. 2023

RIPOLI, Fernando. A comunicação dos mitos de morte nas religiões: Uma perspectiva no Judaísmo, Cristianismo e Islamismo segundo uma análise de Mircea Eliade. 2012.

SAUR, Barbara et al. Relação entre vínculo de apego e desenvolvimento cognitivo, linguístico e motor. **Psico**, v. 49, n. 3, p. 257-265, 2018.

SILVA, Genaina Regina Zaffari. Luto Infantojuvenio. 2019. Disponível em: <http://189.126.105.41/handle/123456789/130>. Acesso em: 16 mai. 2023

SOUZA, Cesar Augusto Neves; DA SILVA, Odi Alexander Rocha. Quando o teatro fala sobre a morte: Um estudo de caso em Antígona de Sófocles. **Porto das Letras**, v. 7, n. 1, p. 311-322, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/8709>. Acesso em: 29 mar. 2023

VILLASEÑOR, Rafael Lopez; CONCONE, Maria Helena Villas Bôas. A celebração da morte no imaginário popular mexicano. **Revista Kairós-Gerontologia**, v. 15, p. 37-47, 2012.

WORDEN, J. William. **Aconselhamento do luto e terapia do luto: um manual para profissionais da saúde mental**. Trad. Adriana Zilberman, Leticia Bertuzzi, Susie Smidt. 4ª ed. São Paulo: Roca, 2013.